



WILSON SEVERO DA ROSA

**A MEMÓRIA DOS PRIMEIROS PROGRAMAS DE TELEVISÃO NO RIO GRANDE
DO SUL: O CASO DA TV PIRATINI**

CANOAS, 2017

WILSON SEVERO DA ROSA

**A MEMÓRIA DOS PRIMEIROS PROGRAMAS DE TELEVISÃO NO RIO GRANDE
DO SUL: O CASO DA TV PIRATINI**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais do Centro Universitário La Salle–UNILASALLE, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Memória Social e Bens Culturais.

Linha de Pesquisa: Memória e Linguagens Culturais

Orientadora: Prof^a. Dr^a Patrícia Kayser Vargas Mangan

CANOAS, 2017

Dedicatória

Dedico esse trabalho de pesquisa ao meu falecido pai, Ictor Severo da Rosa – 10/01/1935 a 16/10/2010, homem do campo, de pouca instrução, mas que tinha muita coragem e criatividade para manter o lar e me proporcionar os estudos. E também aos meus dois filhos, Pedro e Gustavo Oravec, que são a razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a minha mãe, Benta Izaltina da Rosa, que me deu educação para chegar até aqui. E que também financiou parte desse curso. Agradeço também aos professores do Unilasalle Canoas que me receberam e me orientaram com tanta dedicação e carinho. Em especial a professora orientadora Patrícia Kayser, pelo apoio e incentivo que proporcionaram a conclusão do mestrado num período tão turbulento da minha vida. Agradeço também aos colegas da turma 302, grandes parceiros de jornadas, de leituras e de boas risadas. A vida nos pede atitudes, não desculpas. Obrigado, Senhor.

“E aí começou a loucura da TV. (...) Foi uma experiência absolutamente fantástica. ”

Sérgio L. P. Reis, 11/06/2016

RESUMO

A primeira transmissão pública de televisão no Rio Grande do Sul ocorreu em 1955, no Clube do Comércio, na Praça da Alfândega em Porto Alegre, mas poucas pessoas acompanharam. A emissora pioneira, a TV Piratini, só foi inaugurada quatro anos depois, em 20 de dezembro de 1959. Há dificuldades para estudar esse momento histórico da comunicação social, principalmente por haverem poucos registros imagéticos, uma vez que inicialmente não havia vídeo-tape. Assim, esta dissertação tem como tema a memória dos primeiros programas de televisão realizados no Rio Grande do Sul anteriores ao videotape. Tendo como problema de pesquisa que aspectos influenciaram a produção da programação local da TV Piratini, no primeiro ano de transmissão (dez/59 a dez/60), o objetivo dessa dissertação é pesquisar a memória da produção dos primeiros programas de televisão produzidos no Rio Grande do Sul na TV Piratini. Os principais autores utilizados neste estudo são Pollack, Halbwachs, Bordieu, Kilpp e Santaella. Através de uma análise documental e entrevistas com ex-diretores da emissora, foi construído como Produto Final um site que reúne os principais achados de pesquisa. Além da divulgação dos mesmos, novos elementos poderão ser acrescentados na continuidade da pesquisa além de criar um espaço de interatividade.

Palavras-chave: Memória Social. TV Piratini. História da Televisão.

ABSTRACT

The first public television broadcast in Rio Grande do Sul occurred in 1955, in the Clube do Comércio, in the Praça da Alfândega at Porto Alegre, but few people attended. The pioneering TV station Piratini was only inaugurated four years later on December 20th, 1959. Studying this historical moment of social communication presents some difficulties, mainly due to few imagery records, since there was initially no video tape. Thus, this dissertation has as its theme the memory of the first television programs held in Rio Grande do Sul prior to the videotape. The main objective of this dissertation is to investigate the memory of the production of the first television programs produced in Rio de Janeiro, Brazil, in the first year of transmission (10/59 to 10/60) Grande do Sul on TV Piratini. The main authors used in this work are Pollack, Halbwachs, Bordieu, Kilpp, and Santaella. Through a documentary analysis and interviews with ex-directors of the station, a website was created that brings together the main research findings. In addition to publicizing these findings, new elements may be added in the continuity of the research as well as a space of interactivity is provided.

Keywords: Social Memory. TV Piratini. History of Television.

LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Primeira coluna de televisão do RS	33
Figura 2 - Matéria sobre repercussão de um programa de televisão do RS	34
Figura 3 - Tópico Pergunte Sobre TV dentro da Coluna da TV (em destaque)	35
Figura 4– Jornal Diário de Notícias: exemplo de grade de programação analisada.....	36
Figura 5 - Antônio Augusto Fagundes, primeiro rosto de ator na televisão do RS, em 1959, na peça do teleteatro “Piratini - Razão de um nome”, de Nelson Cardoso.....	38
Figura 6 – Exemplo de uma das páginas do site – “Primeiros Programas de TV no RS”	56
Figura 7 – Exemplos de postagens realizadas na área de blog do site.	57
Quadro 1 – Categorias de análise	45

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 Memorial	9
1.2 Problema e Objetivos	10
2 REFERENCIAL TEÓRICO	13
2.1 Memória social e mídias	13
2.2 Cultura das mídias	16
2.3 Notas sobre a história da televisão no Brasil e no Rio Grande Sul	18
2.3.1 A gênese da televisão brasileira	19
2.3.2 A TV Piratini	21
2.3.3 Primórdios da TV no RS: período anterior ao videotape	23
3 PERCURSO METODOLÓGICO	25
3.1 Primeira etapa: pesquisa bibliográfica e documental	25
3.2 Segunda etapa: entrevistas	27
3.3 Terceira etapa: análise e interpretação dos dados	29
3.4 Quarta etapa: produto final	30
4 SOBRE AS PRIMEIRAS GRADES DE PROGRAMAÇÃO	32
4.1 Análise documental	32
4.2 Análise das primeiras grades de programação	35
4.3 Análise dos primeiros programas na TV do RS	39
5 SOBRE AS PERCEPÇÕES DOS ENTREVISTADOS	43
5.1 Entrevistados	44
5.2. Análise das entrevistas	44
5.2.1 Programação	45
5.2.2 Atores Sociais	48
5.3 Algumas percepções do entrevistador	51
6 PRODUTO FINAL	55
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	58
REFERÊNCIAS	62
APENDICE A – QUESTIONÁRIO	64
APENDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	65
APENDICE C – TERMO DE CONCESSÃO E AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM	66

1 INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem como tema a memória dos primeiros programas de televisão realizados no Rio Grande do Sul anteriores ao videotape, a partir de pesquisa tendo a TV Piratini como foco.

1.1 Memorial

A construção do problema desta pesquisa se confunde com a minha trajetória pessoal e profissional. Em virtude disso, esta seção da dissertação é apresentada em primeira pessoa.

Minha carreira como jornalista iniciou no rádio, o meio de comunicação de grande mobilidade e que requer narrativas espontâneas, muitas vezes de memorização e improviso. Essa técnica foi o grande diferencial para atuar em outra modalidade de apresentar as notícias: o telejornalismo. Essa experiência do rádio favoreceu o meu ingresso na televisão, que tem outra forma de transmitir o conteúdo, sendo mais padronizada e memorizada. Mesma situação que propiciou o início da televisão no RS. Em 1959, funcionários da rádio Farroupilha foram treinados no Rio de Janeiro para fazer funcionar a primeira emissora de TV. E vários radialistas e radio-atores produziram e participaram dos primeiros programas, assim como aconteceu na TV Tupi, em São Paulo, a pioneira do Brasil, onde Chateaubriand mandou treinar funcionários da rádio do grupo por não ter mão de obra especializada no País.

Como autor desta pesquisa, também tenho como motivação pessoal a curiosidade de saber a origem e a História dos meios de comunicação. Atuei em emissoras de televisão do Estado, inclusive no SBT, empresa que recebeu a concessão da TV Piratini em 1981. Na Pós-Graduação (Especialização em TV Digital), elaborei como trabalho final um estudo sobre os ciclos de popularização da televisão no Brasil, apontando a grande abrangência desse meio de comunicação em todas as classes sociais. Também acompanhei as mudanças tecnológicas onde a televisão analógica evoluiu para transmissão digital. Além da interatividade e plataformas móveis, o meio de comunicação passou a usar vídeos da internet, promovendo alterações na programação. Mais um motivo para fazer uma comparação com a formatação do início da programação, ouvindo as pessoas responsáveis por esse trabalho, pois também hoje vivemos

um momento de transição no contexto das mídias sociais.

Com experiência de cobertura de grandes eventos políticos (eleições, campanhas), econômicos (Plano Real) e sociais, venho acompanhando de perto o poder de comunicação da TV. Por isso, na minha opinião, seria importante recuperar para as novas gerações a origem e as influências, aqui no Estado, deste meio eletrônico de comunicação de massa, assim como a abrangência, os valores, o público espectador, o comportamento social. Divulgar quem foram os pioneiros e o que isso representou na identidade e na cultura da sociedade rio-grandense. Como disse Assis Chateaubriand, no discurso de improviso na inauguração da primeira emissora do Brasil (TV Tupi), se trata “da mais subversiva máquina de influir na opinião pública”.

1.2 Problema e Objetivos

Vários autores já se debruçaram sobre a história da televisão no Rio Grande do Sul, no aspecto histórico, social e político. Mas, são poucas bibliografias que relatam as influências na produção dos primeiros programas locais, ainda na fase chamada de “artesanal”, ou pré-industrial (KILPP, 2000). Em recentes edições bibliográficas, como “Apontamentos para uma história da televisão no Rio Grande do Sul”, de Suzana Kilpp (2000) e “Os Televisionários”, de Walmor Bergesch (2010), aparecem depoimentos de diretores e ex-funcionários, mas não tratam do conteúdo de produção e as influências nesta etapa chamada por Kilpp de “o estado nascente da TV”.

Como já introduzido, esta dissertação tem como tema a memória dos primeiros programas de televisão realizados no Rio Grande do Sul anteriores ao videotape. A busca de informações sobre como esses programas foram produzidos e como eram planejados, possibilitaram identificar um período inicial da televisão gaúcha nos anos 50, quando essa mídia ainda não era popular, com a formação de um público e adaptação de programas de rádio e peças de teatro ao meio televisivo. As influências nesta fase fazem parte dos achados de pesquisa.

Embora existam outros trabalhos acadêmicos sobre a TV Piratini, entre os quais “A História da Televisão no Rio Grande do Sul - TV Piratini: Os Anos Heróicos, 1959 a 1962” (MUNDSTOCK et al, 1995) e “O Back Stage da Televisão no Rio Grande do Sul” (REIS, 2012), alguns pontos ainda precisam ser elucidados. Em particular, surgem algumas questões

norteadoras: O que influenciou a produção local? Quais os critérios para escolher os gêneros e a ordem dos programas? Qual era a influência do proprietário (ou de outros atores sociais)? Essas indagações fazem parte do universo desta pesquisa, que tem como **problema de pesquisa**: que aspectos influenciaram a produção da programação local da TV Piratini, nos primeiros meses de operação?

A partir destes questionamentos, foi definido como **objetivo geral** pesquisar a memória da produção dos primeiros programas de televisão produzidos no Rio Grande do Sul na TV Piratini.

Como objetivos específicos, a partir da definição da TV Piratini como objeto de estudo, define-se como:

- a) analisar as grades de programação da TV Piratini no período de dezembro de 1959 a maio de 1960, visando identificar produções locais;
- b) identificar critérios existentes para a seleção da programação;
- c) analisar influências de diferentes atores sociais na construção das grades de programação.

Existem diferentes dimensões que justificam a escolha do tema e dos objetivos definidos. De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) realizada pelo IBGE, no Brasil em 2015 existiam “68,0 milhões de domicílios particulares permanentes, dos quais 66,1 milhões (97,1%) possuíam aparelho de televisão, apresentando crescimento de 1,5%, mas mantendo a mesma proporção do ano anterior (97,1%)” (IBGE, 2016, p.13). Outro estudo publicado pelo canal Nickelodeon¹, de setembro/2015, 72% dos entrevistados apontaram o consumo de TV e vídeo como uma de suas atividades favoritas (no total, foram mil entrevistas online com crianças de 10 diferentes países, incluindo o Brasil). Tais dados indicam a relevância da televisão ainda nos dias atuais, por ainda ser um meio de grande penetração no público brasileiro. Trazer sua memória, especialmente com relação à programação que fez a história da TV Piratini, poderá contribuir para a compreensão deste importante meio na atualidade. O tema é pertinente por se tratar do registro da história cultural das grades de programação que se desenvolve nos meios de massa brasileiros. Também poucas obras exploraram o conteúdo sociocultural da programação de TV nos primeiros anos de

¹ Resultados da pesquisa foram divulgado em diversas matérias incluindo:

<http://convergecom.com.br/telaviva/paytv/24/09/2015/televisao-e-principal-fonte-de-entretenimento-para-criancas-aponta-viacom/> e <http://www.epgrupo.com.br/confira-resultados-da-pesquisa-connected-kids-da-nickelodeon/>

transmissão (1960) no Rio Grande do Sul. Além de análise documental, através dos depoimentos dos protagonistas dessa verdadeira “aventura” pretendemos registrar um pouco desse momento histórico da Comunicação na Região Sul do Brasil. Através da pesquisa documental e das entrevistas realizadas, foi possível construir o Produto Final que caracteriza-se como um site como será posteriormente apresentado. Com relação aos aspectos científicos e acadêmicos, é uma pesquisa interdisciplinar nas áreas da comunicação e da memória social, tratando da memória da produção dos primeiros programas regionais na televisão do Rio Grande do Sul.

O restante deste documento detalha o trabalho desenvolvido. No Capítulo 2 será apresentado o referencial teórico com os autores escolhidos. No Capítulo 3 detalhamos o percurso metodológico e no Capítulo 4 apresentamos a análise dos dados e o Produto Final. Finalmente, o Capítulo 5 apresenta as considerações finais.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O objetivo deste capítulo é apresentar os conceitos de Memória Social e a relação com as Mídias na questão da imagem e a interação na memória individual e coletiva. Também tratamos do histórico da televisão no Rio Grande do Sul e a relação com a cultura midiática, suas causas e transformações. Os principais autores utilizados são Pollack, Halbwachs, Bordieu, Kilpp e Santaella. Deste modo, apresentamos o delineamento do quadro conceitual que sustenta a presente pesquisa.

2.1 Memória social e mídias

A Memória Social é um conceito complexo e em construção, que serve de base para articular as pesquisas deste trabalho. A memória individual quando compartilhada com outros, se torna coletiva. Em grupos, a recordação fica mais exata. Baseado em testemunhos, ou com a nossa própria percepção do passado, constituímos um quadro de referências na memória. Quando confrontado no presente, podemos reconstruir um conjunto de lembranças. Conforme Halbwachs (2006), nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros. Isso acontece porque jamais estamos sós. Sempre levamos conosco a percepção de outras pessoas. Cada memória individual é um ponto de vista sobre memória coletiva, que muda segundo o lugar e as relações com o ambiente.

Os meios de comunicação servem como suportes materiais da memória cultural, e interagem com a memória individual de cada um (ASSMANN, 2011). Fatos históricos, novelas, personagens, filmes e desenhos animados que são relembrados e ficam mais intensos quando compartilhados com outras pessoas. Os programas televisivos possuem um alto grau de identificação, de memória, que pode ser transmitida ao longo do tempo. A imagem gerada na tela provoca os sentidos e as emoções de quem assiste. E a emoção deixa mais intensa a recordação. Segundo Pollack (1992), são acontecimentos “vividos por tabela”, ou seja, pelo grupo ou pela coletividade. Podemos falar numa memória quase que herdada. Também é constituída por pessoas, personagens. No caso da televisão, são apresentadores, atores, jornalistas, artistas, diretores que são marcantes em determinados programas e períodos da história cultural e política da TV.

Na questão da memória como fenômeno coletivo e social, a televisão reforça aquilo que

Halbwachs (2006) sublinhou: a memória é um fenômeno coletivo e social. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros” No caso da TV, várias pessoas viram o mesmo evento e compartilharam informações. A memória coletiva se dá quando adotamos o ponto de vista do grupo. “Não basta que eu tenha assistido ou participado de uma cena em que havia outros espectadores ou atores para que, mais tarde, quando estes a evocarem à minha frente, quando reconstituírem cada pedaço de sua imagem em meu espírito, esta composição artificial subitamente se anime e assuma figura de coisa viva, e a imagem se transforme em lembrança” (HALBWACHS , 2006, pág 32). As telenovelas e séries criavam (e criam) um vínculo com quem assistia, exigindo o acompanhamento dos capítulos seguintes e de novas histórias dos heróis estrangeiros. Isso provocava uma troca de informações, um compartilhamento de memória de imagens.

Já Bordieu (1997), em seu livro “Sobre a Televisão”, acredita que existem vários tipos de censuras sobre aqueles que produzem e que apresentam produtos jornalísticos. Há influências pelas forças políticas (publicidade do Estado, vinculação a um partido), por exemplo. Existe a autocensura para não perder o emprego, ou seja, não criticam políticos e patrocinadores. “É verdade que há intervenções políticas, um controle político (que se exerce sobretudo através das nomeações para os postos dirigentes); é verdade também que – particularmente num período no qual, como hoje, há um exército de reserva e uma enorme precariedade de emprego nas profissões da televisão e da rádio – a propensão ao conformismo político é maior.” (BORDIEU 1997, p. 19).

O próprio canal (emissora) pressiona por determinado assunto e ainda tem a pressão da audiência de outros canais concorrentes. “O princípio de seleção é a busca do sensacional, do espetacular. A televisão convida à dramatização...” (BORDIEU 1997, p.25). Para esse autor, tudo isso influencia direta e indiretamente no grau de autonomia dos profissionais da TV. E a censura mais forte era a econômica.

No início, a programação da TV era mais culta, erudita. Bordieu destaca que nesse período as emissoras tinham a pretensão de passar “cultura” para os telespectadores. “A televisão dos anos 50 pretendia-se cultural e de certa maneira servia-se de seu monopólio para impor a todo mundo produtos com pretensão cultural (documentários, adaptações de obras clássicas, debates culturais, etc) e formar os gostos do grande público.” O mesmo aconteceu no Brasil com a TV Tupi, em São Paulo, nos anos 50 e na TV Piratini, em Porto Alegre, em 1959. Ainda era uma fase de desconfiança do público que acompanhava as notícias pelo rádio e pelos

jornais, mas que tem a vantagem das imagens em movimento. “E, insensivelmente, a televisão que se pretende um instrumento de registro torna-se um instrumento de criação de realidade”. O sociólogo francês explica a força da memória imagética: “a imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam de efeito do real, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver.” (BORDIEU 1997, p. 28).

De acordo com Bordieu, “a televisão se torna o árbitro do acesso à existência social e política.” e “[...] o mundo social é prescrito-descrito pela televisão”. Mas também reconhece o trabalho dos jornalistas. “Profissionais da imagem lutam para o que poderia ter se tornado um extraordinário instrumento de democracia direta não se converta em instrumento de opressão simbólica.” (BORDIEU 1997, p. 13). O autor aponta ainda a falta de conteúdo com a veiculação de fatos amenos (populares), sem efeitos políticos ou culturais, para atingir um público mais extenso. A informação perde qualidade para se ajustar às “estruturas mentais” do público. São adotados critérios para divulgar uma notícia, numa espécie de classificação: fatos importantes (que provocam discussão, reflexão) e notícia interessante (curiosa, variedades, entretenimento). O sociólogo amplia as críticas aos programas de variedades, que tem um tipo de informação que interessa ao grande público, mas que não tem consequências. “As notícias de variedades, como disse, têm por efeito produzir o vazio político, despolitizar e reduzir a vida do mundo à anedota e ao mexerico (que pode ser nacional ou planetário, com a vida das estrelas ou das famílias reais) fixando e prendendo a atenção em acontecimentos sem consequências políticas, que são dramatizados para deles ‘tirar lições’, ou para os transformar em ‘problemas de sociedade’...” (BORDIEU 1997, p. 73).

No livro também há referências sobre a responsabilidade de quem produz a programação diante de milhares de telespectadores, onde uma palavra pode ter outro significado. Para Bordieu, nomear a imagem é perigoso. “Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, levar à existência. E as palavras podem causar estrago. Essas palavras criam fantasias, medos, fobias, ou simplesmente representações falsas” (BORDIEU 1997, p.54). Conforme o autor, a televisão é um universo em que se tem a impressão de que os agentes sociais, (jornalistas, comunicadores), tendo a aparência da importância, da liberdade, da autonomia e mesmo por vezes uma aura extraordinária, são marionetes de uma necessidade, de uma estrutura.

2.2 Cultura das mídias

Outro aspecto que chama a atenção com o surgimento da televisão é a formação de uma rede social através da memória coletiva. Os proprietários dos poucos aparelhos que existiam na época recebiam visitas diárias dos vizinhos para assistir a programação. Uma imagem em movimento era absorvida e comentada pelo mesmo grupo, havendo uma troca de informações e de emoções. Isso gerava uma memória individual e coletiva. E essa audiência nas casas, os chamados *televizinhos*, provocou uma mudança no mobiliário. A sala de estar passou a ser o local de recepção, com sofá, poltronas e um aparelho de televisão.

Castells (2003, p. 421.), na sua obra “A Sociedade em Rede” se refere a essa situação e afirma: “A difusão da televisão ocorreu em um ambiente televisivo, ou seja, a cultura na qual objetos e símbolos se volta para a televisão, desde as formas dos móveis domésticos até modos de agir e temas de conversa.”. Essa técnica proporcionou mudanças no comportamento social. Nos anos 60, no Brasil, a convivência entre as famílias criou os “*televizinhos*”, pessoas conhecidas que se reuniam na sala ou na calçada para assistir os programas. A expressão “*televizinhos*” é confirmada nas colunas de TV dos jornais pesquisados e na dissertação de Mestrado do ex-diretor da TV Piratini, Sérgio Reis:

No início, os televisores eram caros e só diminuíram seus preços quando as vendas aumentaram. Poucos tinham poder aquisitivo para comprar o atraente aparelho, símbolo de entretenimento, informação e *status*. Surgiu a figura da qual se sabe existiu no Rio de Janeiro, em São Paulo e em Belo Horizonte: o *tele-vizinho*. Eram pessoas que moravam no mesmo prédio ou na mesma rua, ou nem isso, do dono da TV, e que saíam de suas casas para assistir televisão na casa dos amigos melhor abonados. Tivemos essa experiência na casa de nossa mãe. [...] Com o início das transmissões, ela convidava alguns vizinhos do mesmo edifício em que morava para assistirem a televisão. Em menos de um mês, ela se deu conta que, às 19 horas, já estava arrumando as cadeiras na sala como se fosse um cinema, preparando pipocas e cafezinhos para servir. As visitas chegavam, sentavam e, silenciosamente, assistiam aos programas. Ao encerramento, sem sequer um obrigado, todos se despediam e ela rearrumava a casa. Esta prática era quase uma instituição estadual: primeiro, o exibicionismo de ter televisão em casa e, depois, o constrangimento de não saber como se livrar dos mal-educados. O hábito desapareceu lentamente, na medida em que os *tele-vizinhos* compravam suas próprias televisões. (REIS, 2012, p. 60-61)

Reis ainda pontua que estes “*televizinhos*” ajudaram a alavancar a publicidade, pois o número de telespectadores era calculado pelo número de receptores multiplicado por dez que era a média real, superior a média familiar que seria de quatro telespectadores.

A popularidade da TV se expandiu nos anos 60, deixando de ser um produto elitizado e erudito. A programação também sofreu modificações para ampliar o público que aumentava

com a industrialização do País. Santaella (2003) também relaciona a televisão com a cultura dentro da temática Mídias. Com o crescimento e a expansão das mídias, sendo elas de caráter cada vez mais absorventes, como a TV, por exemplo, tendem a “abalar as divisões estratificadas entre a cultura erudita, popular e de massa como campos perfeitamente separados e excludentes” (SANTAELLA, 2003, p.31).

Santaella (2003) acredita que quanto maior propagação e a multiplicação das mídias, maior é a movimentação e a dinamização das relações entre as diversas produções culturais. Assim, a chave para o intercâmbio entre os diversos tipos de culturas eruditas, populares, tradicionais e modernas, está na multiplicação dos meios midiáticos. Segundo a autora, o conceito de Cultura está diretamente ligado a Semiótica (ciência dos signos). Para Santaella, cultura e comunicação são processos que se relacionam intimamente, porque fenômenos culturais são também fenômenos comunicativos. “Acreditamos que a televisão é um tipo de mídia de grande diversidade funcional, possui uma pluralidade de dimensões internas, e também por ser uma mídia altamente absorvente – traz para si qualquer mídia de qualquer forma de cultura” (SANTAELLA, 2003, p. 41).

Para confirmar esse caráter absorvente, Santaella explica que a TV pode trazer para dentro de si qualquer forma de cultura e de mídia através da transmissão de shows, peças de teatro, apresentações de circo, concertos de música clássica, jogos de futebol, debates políticos, novelas, programas de arte, etc. Para a autora, a televisão possui uma diversidade constitutiva, apesar das críticas do conteúdo popular que provoca uma homogeneidade nos telespectadores. Egbon (apud Santaella, 1982, p. 187) sobre essa característica:

A TV pode contribuir para modificar em muitos aspectos os pensamentos e as atitudes das pessoas em termos de suas experiências cognitivas, suas crenças e opiniões, assim como seus comportamentos. O que é difícil divisar é a massa de variáveis que entra nas relações complexas entre a exposição às mídias e o conhecimento, atitude e o comportamento humanos, o que nenhum modelo foi até agora capaz de explicar completamente [...] A mídia por si só não faz com que mudanças sociais e culturais ocorram. O maior impacto das mensagens de TV reside no esforço de valores sociais latentes através de outras forças na sociedade. (EGBON, 1982 apud SANTAELLA, 2003, p. 41)

Conforme Santaella, nessa questão da mensagem transmitida e dos símbolos semióticos, como é óbvio nestes casos, perde-se a presença viva dos emissores e receptores. Sendo que durante a transmissão, o telespectador (receptor) precisa moldar o olho e ouvido aos limites de enquadramento e cortes típicos da televisão, como tela pequena e perda de acústica. A autora

explica que, por mais que a mensagem transmitida seja banal ou esquemática, a complexidade semiótica será sempre expressiva. “Tudo se dá ao mesmo tempo: som, verbo, imagens que podem adquirir feições as mais diversas e multifacetadas, além do ritmo dos cortes, junções, aproximações e distanciamentos que provavelmente se constituem num dos aspectos mais característicos dessa mídia” (SANTAELLA, 2003, p.47).

2.3 Notas sobre a história da televisão no Brasil e no Rio Grande Sul

Segundo a obra “A História da Televisão no Brasil” (RIBEIRO, 2010), os anos 1950 foi o período da televisão em formação, com uma estruturação distinta dos outros meios de comunicação. Foi a fase das experimentações realizadas pelas primeiras emissoras (TV Tupi, TV Paulista, TV Record e TV Rio) e da emergência de um público televisivo. Esse é o foco dessa dissertação, a década de criação e evolução da TV, em especial a TV Piratini, a pioneira no Rio Grande do Sul. Na década seguinte, anos 1960, a televisão entra em ritmo de popularização. Discute-se a televisão no momento em que houve o aumento de telespectadores das classes populares e a consequente produção de programas que procuravam conquistá-los.

Em 1944, a televisão estava sendo desenvolvida no mundo, novo invento da eletrônica, que torna possível a transmissão de imagens em aparelhos domésticos. Mistura do rádio com cinema. Seis anos antes da instalação da primeira emissora, já havia a expectativa, a formação de um imaginário tecnológico sobre a televisão. Equivalente hoje ao lançamento do iPad, do Smartphone, essa imaginação “permite a construção material do meio como um híbrido entre o rádio e o cinema e a sua instauração num lugar simbólico, que multiplica as faces desconhecidas e torna os acontecimentos do mundo ainda mais próximos.” (RIBEIRO, 2010, p.16). Aparece na imprensa encenações de um artefato tecnológico que colocaria as imagens do mundo ao alcance do público na sua sala de visita. Conforme a bibliografia analisada, a década de 1950 foi um tempo marcado por ações improvisadas. Um improviso que chegou ao extremo, pois não havia receptores para um público ainda em formação. Para garantir audiência na inauguração, Chateaubriand teria contrabandeado 200 aparelhos e espalhado pelas ruas de São Paulo.

2.3.1 A gênese da televisão brasileira

Marialva Barbosa, no capítulo *Imaginação Televisual e os Primórdios da TV no Brasil* (BARBOSA, 2010, p. 46), ressalta como era a situação no tempo da gênese da televisão brasileira: "Sem contar com qualquer experiência quanto ao uso da imagem, só restava aos primeiros profissionais a alternativa de aprender fazendo.". Com limitações técnicas e despreparo da mão de obra, a Televisão se desenvolvia na base do empirismo, tateando na busca de sua própria identidade. Primeira cena dessa nova era pessoas aglomeradas na frente de um móvel-caixa de onde saem imagens. Todos em silêncio, juntos, assistindo a uma emissão da televisão brasileira. Segundo a autora, o público se espremia diante de um aparelho no saguão dos Diários Associados, em São Paulo. Reproduz, em parte, cena das pessoas concentradas na frente da porta dos prédios dos jornais para ler juntas as notícias, assim como na frente das bancas de jornais. "A televisão, nos seus primórdios, repetia um gesto cotidiano do público diante da novidade e da sensação". (BARBOSA, 2010, p.17). Para alguns autores esse primeiro momento é a fase elitista, caracterizada pelo imprevisto e experimentação de uma nova linguagem que levaria pelo menos duas décadas para se estruturar.

Conforme Barbosa, a primeira grade de programação era reduzida e com gêneros variáveis.

Em São Paulo, nos dias que seguiram ao da inauguração, paulatinamente é colocada no ar a programação da emissora: musicais, teleteatros, programas de entrevistas e um pequeno noticiário, *Imagens do Dia*. As transmissões ocorriam entre às cinco da tarde e às dez da noite, com grandes intervalos entre os programas, para que pudessem ser preparados para ir ao ar, sempre ao vivo. (BARBOSA, 2010, p.20)

O teleteatro foi o programa ficcional de maior prestígio da fase inicial da televisão. As telepeças eram o principal gênero dramático da TV nos anos 50. "Isso se deve, em parte, ao fato de os principais teleteatros (Grande Teatro Tupi, TV de Vanguarda, TV de Comédia, Câmera Um) trazerem para a TV um referencial da chamada 'alta cultura', exibindo os clássicos da dramaturgia e literatura mundiais e, ainda, levando à telinha os atores mais representativos do nosso teatro." Dois meses depois da inauguração, a TV Tupi colocou no ar a sua primeira telepeça, *A Vida Por Um Fio*, adaptação do filme de Anatole Litvak. Conforme Barbosa, companhias teatrais frequentavam a TV com assiduidade.

Esse período praticamente artesanal da TV brasileira é marcado pelo entusiasmo dos funcionários em conquistar público. Apesar de ser um produto de capital privado, ainda não

havia preocupação com faturamento e a parte comercial, como revela Cristina Brandão, no capítulo *As Primeiras Produções Teleficcionais* (RIBEIRO 2010, p. 38): “A Tupi optou por acompanhar o ritmo das manifestações culturais paulistanas, aproximando mais de um modelo de televisão cultural do que do comercial em seu primeiro ano de funcionamento.” Lembrando que toda a primeira década da televisão foi ao vivo, nos anos 50. E mesmo nos anos que já podiam gravar, fitas foram apagadas e grandes espetáculos teatrais foram varridos da memória do público, segundo Brandão.

Maior magnata da imprensa na época, Assis Chateaubriand fez um discurso de improviso na inauguração da primeira emissora de TV do Brasil. Para o empresário, dono do grupo *Diários Associados*, se tratava de uma máquina capaz de influenciar a opinião pública e ao mesmo tempo capaz de diminuir as distâncias. “Uma máquina que dá asas à fantasia mais caprichosa” e capaz de “juntar os grupos humanos mais afastados”, conforme suas palavras. O primeiro programa transmitido pela TV Tupi Difusora de SP foi o “TV na Taba”, apresentado por Homero Silva e que teve ainda a participação de Lima Duarte e Mazzaropi, e cantores como Hebe Camargo e Ivon Curi, entre outros. A TV Tupi do Rio de Janeiro começou em janeiro de 1950. Deveria ser inaugurada a sede da emissora carioca em 20 de janeiro, padroeiro da cidade, mas problemas técnicos impediram as transmissões, que só começariam no ano seguinte. Em 20 de janeiro de 1951, o presidente Eurico Gaspar Dutra ligou o transmissor da TV Tupi do Rio de Janeiro, marcando o início das transmissões do Canal 6 na capital da República. Segundo Brandão, entre 1955 e 1961, são inauguradas 21 emissoras no País. Entre elas a TV Piratini, no Rio Grande do Sul. Mesmo antes dessa explosão inicial, a televisão já fazia parte do cotidiano do público como imaginação. São os chamados telespectadores, que acompanham imagens de um mundo em movimento. A nova tecnologia da eletrônica possibilitava assistir comodamente em casa, na sala de visitas, imagens de um jogo de futebol, o desfile de Carnaval, acompanhar um explorador na selva, em lugares inóspitos.

São Paulo viveu uma efervescência cultural na década de 50, assim como Rio de Janeiro e Porto Alegre, em 1959. Cinemas e teatros lotados. Em toda América Latina, segundo Brandão, a programação ficcional televisiva se norteava por seus teleteatros aparecendo como programas mais importantes do período. O teleteatro foi o desbravador do desconhecido terreno da linguagem televisiva. Traziam técnicas do rádio e do cinema, foi um lento aprendizado atrás das câmeras. Experimentaram diversas linguagens estéticas até descobrirem como fazer televisão. Estúdios se transformaram em laboratórios. Produtores tinham que inventar, adaptar

o texto. A escolha do texto era feita em função dos limites do estúdio. Era uma vez por semana, exigiam muitos ensaios, mais meios técnicos e humanos. A adaptação do romance *Jane Eyre*, em telenovela, foi ao ar em 1958 na Tupi. Um ano depois, através de fitas, chegava em Porto Alegre. “Na aferição da audiência, em 1956, os teleteatros sobem na preferência do público e aparecem em segundo lugar, depois dos musicais. Em seguida estão os telejornais, programas de perguntas e respostas, entrevistas e, por último, os esportivos.” (RIBEIRO, 2010, p.48)

O novo veículo venceria a precariedade de recursos pelo entusiasmo de cada um de seus profissionais. O teleteatro perde espaço na segunda metade da década de 60, quando a telenovela diária se impõe como gênero de maior popularidade e de baixo custo para as emissoras. Neste período também começam aparecer com frequência os seriados e filmes americanos. Durante os primeiros dez anos de TV são apresentadas inúmeras novelas que iam ao ar duas ou três vezes por semana, com duração média de 20 minutos por capítulo.

Nos anos 60, acontece a reconfiguração do público, momento-chave quando se consolidam certas práticas de "como fazer televisão". A chegada do videotape muda tudo em 1961. A TV, que era artigo de luxo, passa a se popularizar. Mais aparelhos são vendidos, espalhados pelos lares brasileiros. De acordo com Brandão, "a televisão começa a se implantar como veículo de massa".

2.3.2 A TV Piratini

As primeiras imagens que apareceram numa tela de TV no RS não foram transmitidas para as casas dos gaúchos. Foi para um público seletivo, num circuito fechado montado pelo magnata das Comunicações, Assis Chateaubriand, no Centro de Porto Alegre. Era outubro de 1955. O dono dos Diários Associados instalou um “showroom”, com 50 televisores no Clube do Comércio e um monitor na Praça da Alfândega. “Ali ele mandara instalar um pequeno estúdio e produziu, em circuito fechado, a primeira transmissão pública de televisão na capital gaúcha”. (BERGESCH, 2010, p. 22).

O primeiro gaúcho a aparecer nestes aparelhos foi o tradicionalista Paixão Côrtes, se apresentando com o grupo Tropeiros da Tradição. Curiosos paravam para assistir aquelas imagens em movimento e com som. Parecia o rádio com imagens. A intenção era conseguir sócios para construir e instalar uma emissora de TV na região do Sul do Brasil. São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais já possuíam a TV Tupi. Quatro anos depois desta transmissão

privada, em 20 dezembro de 1959, era inaugurada a TV Piratini, de Porto Alegre, a pioneira em divulgar a imagem com som nas telas dos aparelhos gaúchos, que chegavam para provocar transformações sociais.

Assim como na TV Tupi de São Paulo, foram treinados 17 funcionários da rádio Farroupilha para operar os equipamentos, produzir e apresentar os programas. Entre os selecionados estava o radialista e rádio-ator Sérgio Reis, que se tornou o primeiro diretor de imagens (suíte) da nova TV no Sul do Brasil. Em entrevista pessoal² ao autor desta dissertação, ele revelou como foi esse momento:

Eu tive o privilégio de ser o primeiro suite a botar a imagem da TV no ar. Chorei feito um louco, um bezerro desmamado. Porque eu senti a responsabilidade daquilo. Eu sentia que o que estávamos fazendo ia mudar o Estado. O Estado não tinha televisão. As pessoas não sabiam o que era televisão, não tinham visto nada, não tinham ideia. As pessoas perguntavam: mas como é ? É cinema, é filme ? O que é ? O que acontece ? O que vocês vão botar prá gente ver ? Assim..E aí começou a loucura da TV. Aquela sensação de que rádio e televisão é um negócio que você bota no ar e não vai parar de botar no ar. Todos os dias você vai botar no ar. Foi uma experiência absolutamente fantástica. (SLPR)

De acordo com KILPP (2000), “a programação se desenvolvia em grandes estúdios, que atraíam excursões de estudantes e visitantes, porque havia um mundo de criação por trás das câmeras. Aquela agitação típica do improviso, era ao mesmo tempo fascinante, provavelmente mais até que as imagens que iam ao ar. Nesta época, Cinema era principal veículo de imagens” (p.30). Nesta época, era tradicional um passeio nos finais de semana até o prédio onde funcionava a televisão. Neste local as famílias tiravam fotos para a posteridade. Era um lugar que tinha a admiração dos gaúchos, que representava uma evolução tecnológica. Na emissora, centenas de funcionários, entre técnicos e artistas, se movimentavam diariamente para colocar no ar de sete a oito horas de entretenimento. Segundo KILPP, “as imagens externas advinham basicamente de cinegrafistas e destinavam-se aos telejornais, bem pouco ilustrados, e que utilizavam várias improvisações técnicas para transformar as imagens de vídeo no tempo de TV.” (p.30).

Uma das primeiras grandes produções regionais que apareceu nos televisores do Rio Grande do Sul foi uma teledramaturgia com tema religioso: a Tragédia do Gólgota³

² Os trechos das entrevistas serão indicados neste trabalho com formato de citação, ficando as iniciais do entrevistado entre parênteses para evitar dúvidas ao leitor. Neste trecho, SLPR refere a Sérgio Luis Puggina Reis. Posteriormente aparecerá a sigla JBMF, refere-se a João Batista de Melo Filho.

³ Embora Bergesch afirme em sua obra que a Tragédia Gólgota tenha sido a primeira produção local, as pesquisas realizadas no jornal Diário de Notícias, tal como descrito no capítulo de Metodologia, identificaram outras

(BERGESCH, 2010). Na sexta-feira santa de março de 1961, dezenas de atores e figurantes participaram de quatro horas ininterruptas de transmissão ao vivo da Via Crucis. Tudo dentro dos estúdios da TV Piratini, prédio onde hoje funciona a TVE Educativa, Canal 7. Uma época de muito improviso, criatividade e dedicação. Sem profissionais especializados, a TV se baseava nos programas de rádio, principalmente os programas de auditório, radionovelas, musicais e entrevistas. Segundo Kilpp, no início da década de sessenta “50% da programação era local e predominavam os anunciantes locais” (KILPP, 2000, p. 41).

As grades de programação da TV Piratini, publicadas nesta época somente no jornal Diário de Notícias de Chateaubriand, traziam novelas, programas de auditório, filmes e musicais. Há registros em jornais e outras fontes documentais, bem como as memórias dos atores envolvidos no processo de produção da televisão. Nesse contexto, definiu-se como objeto desta pesquisa a memória dos primeiros programas produzidos no Rio Grande do Sul. Em particular, as pessoas que realizaram e participaram dessas atrações dos primórdios da televisão do Rio Grande do Sul. Narrativas que contribuíram para importantes registros desta história. Esta pesquisa recorreu ao que está registrado em jornais e outras fontes documentais, bem como o que os atores envolvidos no processo de produção da televisão lembram com relação à programação da primeira emissora no RS, horários de transmissão, a ordem de exibição, os gêneros dos programas, telenovelas, seriados, atores, apresentadores, programas de auditório, telejornais e as propagandas (comerciais) da época.

2.3.3 Primórdios da TV no RS: período anterior ao videotape

Nessa fase inicial, todas as imagens produzidas em estúdio e externas foram perdidas (com exceção de um vídeo, feito em fita 16 mm, que mostra os bastidores da TV Piratini no dia da inauguração). Não havia ainda equipamento para gravar a programação, tudo era feito ao vivo. O videotape só chegaria no Rio Grande do Sul em dezembro de 1961. Por isso, um dos objetivos deste trabalho acadêmico é registrar a memória de produção dos primeiros programas de televisão feitos no Rio Grande do Sul através da TV Piratini.

As grades de programação analisadas no período de fevereiro de 1960 a maio de 1960 apresentaram similaridades no conteúdo e no formato, de segunda-feira à sábado. A

produções locais no ano de 1960, ainda que estas se tratem de teledramaturgia sem o mesmo nível de produção da referida peça.

programação iniciava às 17 horas no primeiro ano de funcionamento. No período da tarde, programas mais juvenis como seriados e filmes e de variedades para o público feminino. Depois tinham novelas, musicais, entrevistas e telejornais. Horário das 20hs era fixo, com o telejornal Repórter Esso, dando origem ao horário nobre, que até hoje é mantido pelas emissoras maiores (Jornal Nacional, Jornal da Band). A programação só mudava aos domingos, tendo horário ampliado, iniciando 11 horas, com programação religiosa. Conforme o ex-diretor da TV Piratini, Sérgio Reis, a intenção era aproveitar o dia de descanso do comércio e da sociedade, quando o cidadão fica mais tempo em casa. Quanto aos gêneros televisivos, destaque para as telenovelas, os noticiários, musicais e programas de entrevistas.

Durante essa pesquisa se nota que o formato de programação da TV Tupi, a forma de produzir os programas baseados no rádio, se repete no Rio Grande. Alguns programas da Piratini tinham características de um show radiofônico de variedades, baseados na programação da rádio Farroupilha. A professora Suzana Kilpp confirma o ambiente:

Como aconteceu na maior parte dos locais onde se instalaram os primeiros canais, o rádio forneceu o primeiro formato da TV Piratini. Os quadros da rádio Farroupilha desenharam sua programação, os programas de auditório do rádio passaram a ser televisionados, o radiojornalismo foi transplantado. A programação dos canais brasileiros dessa época era basicamente um recorte da disponibilidade existente na cidade em termos da atividade artística, como foi no Rio ou em São Paulo. Qual era o nosso forte ? Músicos, muitos. Radioatores, muitos. Humoristas, alguns. Vinham também da TV Tupi do Rio e SP programas prontos, que voavam pelas capitais onde havia emissora dos Associados, às vezes, substituindo-se o apresentador por alguém local. (KILPP, 2000, p.28)

A TV Piratini saiu do ar em 16 de julho de 1980 através de um ato presidencial que cassou a concessão das emissoras que faziam parte dos Diários Associados. Em 1997, o Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa recebeu parte do acervo da emissora, para preservar a história da televisão no Rio Grande do Sul.

3 PERCURSO METODOLÓGICO

Conforme apresentado na introdução, o objetivo geral é pesquisar a memória da produção dos primeiros programas de televisão realizados no Rio Grande do Sul, e para isso, investigamos diferentes registros de memória, inclusive a partir das pessoas que produziram essas atrações dos primórdios da TV na região Sul. Descreveremos neste capítulo, o percurso metodológico seguido para atingir tal objetivo.

Com relação a classificação da pesquisa, trata-se de uma pesquisa qualitativa quanto à forma de abordagem por tentar compreender a totalidade do fenômeno de se criar programas de televisão sem ter referências regionais (nesta época só havia a TV Tupi de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro), assim como as influências do contexto social e político, além das referências educacionais e culturais das pessoas entrevistadas. E descobrir a importância dessas experiências e a interpretação dos eventos, também tentar captar o contexto na totalidade. Conforme Gerhardt e Silveira (2009, p.34), a pesquisa qualitativa “ênfatisa o subjetivo como meio de compreender e interpretar as experiências”

3.1 Primeira etapa: pesquisa bibliográfica e documental

A pesquisa bibliográfica sobre o início da TV no Rio Grande do Sul se apresenta com poucas publicações sobre o fato histórico na Comunicação do Estado. Apesar de termos encontrados livros publicados nesta temática (KILPP, 2000 e BERGESCH 2010), baseados em dados coletados e depoimentos dos ex-funcionários, não foram identificadas indicações de análise da programação televisiva na fase inicial deste tipo de mídia eletrônica. “Não há uma só obra específica sobre o tema. Há inserções (de fatos, comentários, análises) em história da TV no Brasil, ou em história da imprensa no Rio Grande do Sul. [...]”, escreveu a pesquisadora Suzana Kilpp em 2000. Porém, a principal fonte de informações bibliográficas até o momento trata-se da dissertação de Sérgio Reis (REIS, 2012), antigo diretor da TV Piratini e um dos entrevistados.

Também foi realizada uma **pesquisa documental** ao analisar jornais da época delimitada, incluindo matérias e fotografias referentes ao tema. Conforme GIL (2012), é preciso cuidado com a natureza das fontes. O trabalho de pesquisa “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com

os objetivos da pesquisa” (GIL, 2012, p.45).

A coleta de dados foi feita em jornais do Museu de Comunicação Hipólito José da Costa. Se tratam de edições do Diário de Notícias no período de fevereiro a maio de 1960⁴, marcando o primeiro ano de transmissão da emissora pioneira no Rio Grande do Sul. Já foram registradas mais de duzentas fotografias com o conteúdo estudado, incluindo grades de programação, artistas e apresentadores, a coluna de televisão com descrição das atrações diárias e reportagens sobre os programas transmitidos. Durante a primeira tentativa de pesquisa se verificou que as edições de dezembro de 1959 e janeiro de 1960 estavam em restauração, sem previsão de retorno ao acervo. Funcionários informaram que, a partir de 2015, a equipe que fazia o serviço foi dispensada pelo governo do Estado por motivo de contenção de gastos. Outro problema verificado durante a coleta é que estão faltando edições dos jornais de vários dias da semana dentro de um mês. Foram tiradas fotografias digitais das páginas dos jornais, das capas, de fotos e textos originais sobre a televisão. Em uma primeira análise do material, foi possível observar que nos primeiros meses o espaço reservado para a televisão não ficava junto nas páginas de cinema, rádio e teatro.

Em sua dissertação de Mestrado, Sérgio Reis (ex-diretor) confirma uma das nossas dificuldades na busca por notícias em jornais da época sobre o início da TV Piratini (dezembro de 1959), como por exemplo, a primeira grade de programação que foi ao ar. O jornal que tem esse registro nesse período, o Diário de Notícias, está em restauração no Museu de Comunicação José Hipólito da Costa. O jornal Correio do Povo, da Companhia Jornalística Caldas Júnior, de propriedade do empresário Breno Caldas, por ser concorrente, publicou apenas uma pequena nota sobre esse fato histórico no Rio Grande do Sul.

A TV Gaúcha foi notícia nos jornais Correio do Povo e Folha da Tarde, da Companhia Jornalística Caldas Júnior, do dia 29 de dezembro de 1962, diferentemente da inauguração da TV Piratini, ignorada pelo Correio do Povo, merecendo apenas uma pequena nota, de 6 cm x 2 colunas, na edição de 21 de dezembro de 1959, uma segunda feira, da Folha da Tarde. O Canal 5 permaneceu fora das páginas do Correio e da Folha até a inauguração da TV Gaúcha, quando ambos os jornais passam a publicar a programação diária dos dois canais do Rio Grande do Sul (REIS, 2012, p. 74).

⁴ A intenção era de iniciar a análise a partir de dezembro de 1959, quando a TV Piratini foi inaugurada. No entanto, os jornais dos meses de dezembro de 1959 e de janeiro de 1960 encontrava-se em restauração durante todo o período de realização desta pesquisa.

3.2 Segunda etapa: entrevistas

Nesta dissertação foi utilizada a **entrevista semi-estruturada**, “que combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada” (MINAYO 2012). Trato aqui a entrevista como fonte de informação para obter dados primários, uma vez que os dados secundários estão sendo obtidos através dos fatos encontrados em jornais e livros. O contato com os protagonistas possibilitou obter informações construídas diretamente no diálogo e tratam da reflexão do próprio sujeito sobre a realidade que vivenciou no período estudado. Conforme Minayo (2012), para os cientistas sociais esses dados são subjetivos, “pois só podem ser conseguidos com a contribuição da pessoa”. No nosso caso, constituíram a representação da maneira de pensar e de sentir, assim como condutas, projeções e razões conscientes ou inconscientes de determinadas atitudes e comportamentos. Além disso, como foi citado por Minayo (2012), “dentro das Ciências Sociais existe uma identidade entre sujeito e objeto. A pesquisa nessa área lida com seres humanos que por razões culturais de classe, de faixa etária, ou por qualquer outro motivo, têm um substrato comum de identidade com o investigador, tornando-os solidariamente imbricados e comprometidos”. O autor tem consciência que a entrevista pode apresentar omissões e práticas de cumplicidade, que foram checadas com outros entrevistados.

Estou recorrendo à entrevista também para obter informações que não podem ser encontradas em registros e fontes documentais como decisões pessoais tomadas na produção dos programas e as influências sociais, culturais, políticas e econômicas na época pesquisada. De acordo com Witt (apud SALVADOR, 1980), “a entrevista deve ser utilizada quando não há fontes mais seguras para as informações desejadas, ou quando se quer completar dados extraídos de outras fontes. Ou quando se desejar fazer observações sobre aparência e comportamento [...] do sujeito.” A opção por esta técnica de coleta de dados é por necessitar de respostas mais profundas para que os resultados da pesquisa sejam atingidos de forma fidedigna. E os profissionais selecionados são conhecedores do tema, sendo capazes de emitir opiniões concretas a respeito do assunto. Por essa razão escolhi a entrevista semi-estruturada, com questões elaboradas de forma que as pessoas possam rememorar e discorrer livremente seus pensamentos, tendências e reflexões. Segundo Dias da Silva (apud ROSA; ALNOLDI, 2006, p. 31),

as questões nesse caso são abertas e devem evocar ou suscitar uma verbalização que expresse o modo de pensar ou de agir das pessoas face aos temas focalizados. Devem

visar, também, facilitar as lembranças dos informantes e que eles principiém a falar sobre o tema, para que se instalem, aí, noções de credibilidade. Cada um deverá compor uma sequência particular e abordar com mais ou menos detalhes um fato, da maneira que melhor lhe convier.

Na sequência foi realizada uma análise qualitativa dos depoimentos dos entrevistados. Aproveitando minha experiência como jornalista, ao participar de muitas entrevistas face a face, constatei as vantagens desta técnica que permite observar melhor as reações do entrevistado durante as respostas, principalmente as emoções evocadas pelas recordações. Como afirma GIL (2012), “a entrevista na pesquisa social oferece flexibilidade muito maior, posto que o entrevistado pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista. Possibilita captar a expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e ênfase nas respostas” Mas também é preciso reconhecer as limitações desta técnica, pelo mesmo autor (GIL, 2012) como “o fornecimento de respostas falsas, determinadas por razões conscientes ou inconscientes e inabilidade ou mesmo incapacidade do entrevistado para responder adequadamente em decorrência de insuficiência vocabular ou de problemas psicológicos.” Acrescento aqui também que a idade avançada dos entrevistados não foi empecilho, pois ambos não tiveram dificuldades para relembrar passagens da vida social e profissional no período pesquisado (início dos anos 60). Para evitar distorções e fuga do tema principal, recorri a minha habilidade de jornalista na condução da entrevista, assim como tomei providências na preparação do roteiro com os tópicos de interesse e o registro das respostas através de gravação eletrônica. O conteúdo teve uma transcrição integral, que pode ser anexada no trabalho.

Para as entrevistas semi-estruturadas foram escolhidos dois ex-funcionários da TV Piratini, que participaram desde o início das operações. Entre os critérios para selecionar os entrevistados está a experiência e função exercida dentro da emissora. Desta forma, foi escolhido o ex-diretor da TV, Sérgio Reis, que também dirigiu os primeiros programas e produziu as primeiras superproduções tele-teatrais nos estúdios, além de ser suíte (espécie de diretor de imagens) de outras atrações. Também foi diretor das emissoras concorrentes, como TV Gaúcha, TV Bandeirantes e TV Guaíba. A outra pessoa escolhida é o jornalista Batista Filho, que começou como locutor de notícias esportivas, foi repórter esportivo e também exerceu função de diretor de programação. Acredito que os selecionados estão capacitados para analisar o quadro histórico e colaborar com informações importantes para a pesquisa, como o cotidiano de trabalho, influências, tendências.

3.3 Terceira etapa: análise e interpretação dos dados

Na fase de análise e interpretação de dados foi utilizada a técnica de Análise de Conteúdo (GOMES, 2012), observando o teor das respostas, dos depoimentos e a reação dos entrevistados na recordação dos fatos. Para isso, foram usadas unidades de contexto para compreender a mensagem que estamos analisando. Entre os procedimentos metodológicos estava interpretar os resultados obtidos com auxílio do referencial teórico adotado. Através dos depoimentos confirmamos a fundamentação escolhida para o objetivo do projeto de registrar a memória das peculiaridades na produção dos primeiros programas de televisão da região Sul. “O caminho a ser seguido pelo pesquisador vai depender dos propósitos da pesquisa, do objeto de estudo, da natureza do material disponível e da perspectiva teórica por ele adotada” (GOMES, 2012).

Como método de estudo, a Análise de Conteúdo possui características pertinentes a esse projeto onde o foco será qualificar as experiências dos sujeitos envolvidos com o início da televisão no Rio Grande do Sul, bem como as percepções destes sobre o objeto e os fenômenos sociais, políticos e culturais advindos das transmissões deste meio de comunicação (BARDIN, 1977). E com esses relatos desvendar as intenções e influências na produção dos programas, as relações profissionais e as possíveis transformações decorrentes destes atos. A abordagem qualitativa se aplica ao estudo da história, das percepções e interpretações que esses profissionais tiveram no período estudado, de como viveram esses momentos, os sentimentos e reações. Também deve permitir desvelar processos sociais pouco investigados, referentes a um grupo particular e que pode criar novas abordagens. O objetivo é compreender essas manifestações (MINAYO, 2007). Ainda dentro dessa temática, para Bardin (2007) a análise de conteúdo se constitui de várias técnicas onde se busca descrever o conteúdo emitido no processo de comunicação, seja ele por meio de falas ou de textos. Segundo Oliveira (2008), "a análise de conteúdo permite o acesso a diversos conteúdos, explícitos ou não, presentes em um texto [...] implicação do contexto político nos discursos; exploração da moralidade de dada época; análise das representações sociais sobre determinado objeto; inconsciente coletivo em determinado tema; repertório semântico ou sintático de determinado grupo social ou profissional; análise da comunicação cotidiana seja ela verbal ou escrita, entre outros."

Os pesquisadores podem abordar diferentes técnicas ao usar a análise de conteúdo, o

que vai depender da vertente teórica. Oliveira (2008) alerta que "a escolha da técnica deve estar atrelada ao tipo de pergunta elaborada, ao tipo de conhecimento que se deseja produzir frente ao objeto estudado e, fundamentalmente, necessita de sistematização". O autor do artigo ressalta que é importante se refletir primeiro sobre o processo de formulação de perguntas e sua relação com a análise de conteúdo, para não correr o risco de aplicar o método inadequado para obter as respostas.

Para auxiliar na organização do material a ser analisado, foi utilizada a forma de classificação de respostas, criando categorias *a priori* como “censura política”, “censura econômica”, “atores sociais”, entre outras ainda e avaliação. Isso também ajudou na hora de editar as respostas no vídeo do produto final. Eventualmente, novas categorias podem emergir a partir da análise das entrevistas.

Na questão da exploração do material, a ideia é se manter fiel às frases e citações dos interlocutores através de uma transcrição literal e fazer uma síntese com a interpretação contextualizada. Na condução da entrevista, foi feito contato inicial e houve aprovação dos selecionados. O objetivo é que tudo se concretize com a devida validação para que haja espontaneidade e confiança junto ao entrevistador. Segundo Rosa, a entrevista tem a fase da evocação, quando é solicitado falar sobre o que é mais relevante a respeito do tema central, o que permite o livre pensamento. E a fase de enunciação, quando se faz o registro da coleta de dados diretamente com a pessoa inquirida. O questionário terá questões estruturadas e abertas, que dependem do contexto da conversação. Entre as recomendações de Gil, sobre os métodos, seguiremos algumas como: “devem ser feitas em primeiro lugar perguntas que não conduzam à recusa em responder, ou que possam provocar algum negativismo.” Foi feita uma pergunta de cada vez, sem deixar implícitas as respostas. Também foi conveniente memorizar as questões mais importantes até se obter a informação adequada sobre ela. Na etapa de “aquecimento”, foram requisitadas informações como identificação, origem, a função que exerce e um pequeno histórico do percurso profissional na TV Piratini. Depois se aproximou da pergunta geradora, norteadora.

3.4 Quarta etapa: produto final

Como proposta de Produto Final, foi produzido um site com os principais achados da pesquisa que podem e precisam ser divulgados. Foram selecionados materiais - fotos de jornais

da época, trechos em vídeo das entrevistas realizadas e vídeos e imagens do acervo da Fundação Piratini disponíveis de forma pública - os quais foram disponibilizados em uma plataforma que permitirá acesso gratuito e no qual poderá ser posteriormente adicionados novos materiais.

Através de uma edição de som e imagem, os trechos dos relatos foram selecionados visando criar vídeos curtos e autocontidos, os quais foram hospedados no YouTube para disponibilização no site.

A ideia de ser um site na internet é uma forma de ampliar o acesso, além de homenagear quem participou e dirigiu as primeiras imagens em movimento na região Sul do Brasil. Imagens históricas que não ficaram gravadas em acervos porque na época ainda não havia videotape. Através desse produto é possível preservar a memória desses pioneiros e disponibilizar esses depoimentos através de plataformas de acesso gratuito, como redes sociais e Youtube, democratizando a História da Televisão no Rio Grande do Sul. Além disso, poderá contribuir para a compreensão deste importante meio de Comunicação na atualidade.

Com relação aos possíveis impactos sociais do produto, através de uma plataforma digital, cria-se um canal de divulgação que além de disponibilizar o conteúdo de texto, imagem e vídeo na internet (acesso público), permite socializar as informações obtidas e criar um canal de comunicação e para a continuidade da pesquisa. E assim divulgar o resultado dos depoimentos junto à comunidade acadêmica, profissional e a sociedade em geral, através de um suporte mais atrativo e dinâmico. Também pretende auxiliar no entendimento da História da televisão no Rio Grande do Sul e recuperar a memória do que foi feito e por quem foi feito. Com isso, estudantes, professores, alunos de Comunicação Social, Ciências Sociais e Humanas podem ter acesso gratuito através da internet. Na questão institucional, é relevante também para o Estado no aspecto cultural e histórico. Este documentário poderá ser de interesse para escolas e universidades públicas e privadas de Comunicação Social.

Deste modo, a partir destas quatro etapas metodológicas descritas, foram produzidos novos conhecimentos sintetizados nos próximos dois capítulos e no produto final.

4 SOBRE AS PRIMEIRAS GRADES DE PROGRAMAÇÃO

Em artigo apresentado no IV Jornadas Mercosul, foi publicada a análise dos registros de memória do primeiro ano de funcionamento da televisão do Rio Grande do Sul. Essa investigação foi feita através de uma análise documental, utilizando-se acervo de jornal, com exemplares publicados de dezembro de 1959 a maio de 1960, período no qual as imagens produzidas não foram gravadas, pois ainda não havia videotape. O registro de fotografias de ambientes e de cenários foi feito em jornais impressos, do Diário de Notícias, do grupo de Chateaubriand. As grades de programação traziam novelas, programas de auditório, filmes e musicais.

O restante deste capítulo apresenta parte deste material já publicado (ROSA; VARGAS MANGAN, 2016), acrescido de imagens complementares, e de uma seção adicional construída com aporte da pesquisa documental e das entrevistas realizadas.

4.1 Análise documental

No segundo semestre de 2014, foi realizada uma pesquisa nas edições do jornal Diário de Notícias no museu Hipólito José da Costa, em Porto Alegre. Foi escolhido este veículo por ser da empresa Diários Associados, a mesma da TV Piratini. O período avaliado foi de fevereiro de 1960 a maio de 1960. Os meses de dezembro de 1959 e janeiro de 1960 não foram pesquisados por estarem em restauração. A equipe de restauro foi dispensada em 2015, por falta de recursos do governo do Estado. Também foi realizada uma pesquisa no acervo histórico do jornal Correio do Povo no mesmo período. Foram encontradas pequenas notas de registro do início de operações da primeira televisão do Rio Grande do Sul. Entre os supostos motivos estariam o desconhecimento da força do novo meio de comunicação e a concorrência na Capital entre o grupo Caldas Júnior e Diários Associados.

Neste período de pesquisa, foram analisadas mais de 50 edições. Importante ressaltar que o museu não tinha todas as edições diárias. Em vários meses, faltaram alguns dias da semana. E também teve dias em que não foram registradas informações da televisão, como a coluna diária e a grade de programação. Não houve explicação do jornal ou da emissora.

As primeiras grades de programação eram bem simples, com a imagem do indiozinho símbolo e os nomes dos programas com os horários determinados. Interessante ressaltar que a

programação era curta, iniciando no final da tarde e se estendendo até onze horas da noite. As grades iniciais serão analisadas na próxima seção (vide Figura 4).

Durante essa pesquisa, verificou-se a existência de um espaço no jornal abordando os conteúdos da programação. Tratava-se da primeira coluna de televisão no Estado, que apresentava mais detalhes das atrações diárias que estavam programadas. Assim, na mesma página que aparecia a grade, surgiu a primeira coluna sobre televisão, assinada por Carmen Vianna (Figura 1). O espaço comentava os programas que iriam ao ar no dia. Depois foi ampliado, com notícias e informações dos astros, dos bastidores das grandes produções e abrindo espaço para manifestação dos telespectadores.

Figura 1 - Primeira coluna de televisão do RS

The image shows a newspaper page with a prominent section titled "TELEVISÃO" by Carmen Vianna. The main article is about the "GRANDE ORQUESTRA PIRATINI". To the left, there are several smaller articles, including "FESTAS CLUBE DE REGATAS ALMIRANTE BARROSO", "NO PARQUE NAUTICO NA ILHA DO PAVAO", "AGENTE QUE CEGURA", "PRADINHO SINIMBU, UM PROGRAMA QUE AGRAÇA", and "Falecimentos". To the right, there are several small advertisements and notices, including "CARTAZ DO DIA", "AZENHA", "CASTELO", "FLORESTA", and "CIDADE BAIXA". The bottom of the page features a large advertisement for "TV PIRATINI - CANAL 5".

Fonte: Jornal Diário de Notícias - 04/03/1960.

Normalmente a parte da televisão vinha no meio do jornal. E ficava separada das notícias de outras artes como teatro, rádio e cinema, que tinham maior espaço. Na época, o novo veículo não recebia a atenção devida por desconhecimento. Isso aconteceu nos primeiros meses, depois a televisão ganhou mais espaço. Nas primeiras grades, muitas atrações tinham títulos genéricos, como "Resenha Esportiva", "Entrevista", "Musical", Cinema em Casa, TV Drama, Teatro de Novela, Nosso Teatrinho, Você Faz a Pergunta. Depois começaram a surgir os

patrocinadores que davam nome ao programa como Grande Show Wallig, Reportagem Esportiva Good-Year, Varig Apresenta. Nestes documentos analisados, não há como distinguir o programa local e o programa nacional.

Em abril, quando é apresentada a repercussão da primeira grande produção de teledramaturgia, “Canção de Bernadete”, se registram as primeiras matérias jornalísticas sobre os temas abordados na televisão. Conforme pode ser observado na Figura 2, trata-se de registrar comentários de autoridades e de opiniões de telespectadores enviadas por carta. Também foi feita uma cobertura dos bastidores da peça que chamou a atenção até mesmo do arcebispo de Porto Alegre, D. Vicente Scherer, que acompanhou a encenação de dentro dos estúdios.

Figura 2 - Matéria sobre repercussão de um programa de televisão do RS



Fonte: Jornal Diário de Notícias - 01/05/1960

Alguns meses antes, em fevereiro, é registrada a primeira forma de interatividade com o novo meio de comunicação, através de cartas para o departamento de Relações Públicas. Um pequeno tópico publicado na coluna do dia 05/02/1960, reproduzido na Figura 3, intitulado Pergunte Sobre TV, pede aos telespectadores que enviem questionamentos sobre o trabalho da emissora. Este é o texto na íntegra: “A partir de hoje, dentro desta seção estaremos respondendo as perguntas que nossos telespectadores nos quiserem fazer sobre TV. Pensamos desta forma estar indo de encontro ao desejo do público da Piratini, porque televisão é ainda novidade para

nós, e como tal tem “segredos”, que se poderão revelar, na medida do possível. Toda correspondência deverá ser endereçada a esta cronista no Departamento de Relações Públicas dos Diários Associados, à rua Vigário José Inácio, 263 - Conjunto 34.”

Figura 3 - Tópico Pergunte Sobre TV dentro da Coluna da TV (em destaque)



Fonte: Jornal Diário de Notícias - 05/02/1960

4.2 Análise das primeiras grades de programação

As grades de programação, publicadas nesta época somente no jornal Diário de Notícias, de Chateaubriand, traziam novelas, programas de auditório, filmes e musicais. A Figura 4 ilustra um fragmento de jornal que foi analisado.

Figura 4– Jornal Diário de Notícias: exemplo de grade de programação analisada



TV PIRATINI - CANAL 5	
PROGRAMAÇÃO PARA HOJE	
19,40	- TAPETE MÁGICO
19,25	- RESENHA ESPORTIVA IPIRANGA
20,00	- O SEU REPORTER ESSO
20,20	- SOMOS DOIS
20,40	- QUERÊNCIA
21,10	- SIM OU NÃO
21,40	- DIÁRIO DE NOTÍCIAS NA TV
22,35	- GRANDE TEATRO

Fonte: Jornal Diário de Notícias - 05/02/1960

A Figura 4 demonstra que no começo, só havia programação na TV à noite, ficando no ar em torno de seis horas. A análise documental corroborou a indicação de que a programação era curta por falta de produção, dependendo de programas gravados em fitas, que vinham do centro do País de avião. No exemplo da grade analisada, o primeiro programa iniciava às 19h40min (Tapete Mágico) e o último às 22h35min (Grande Teatro).

Além de novelas feitas ao vivo nos grandes estúdios, também eram transmitidos filmes e séries americanas gravadas em rolos de fitas, exibidos primeiro em São Paulo e Rio de Janeiro, e depois no RS. Segundo o primeiro diretor de imagens (suíte) da Piratini, Sérgio Reis, “o som das dublagens, na maioria dos casos, era muito ruim, pois não existiam laboratórios no Brasil que oferecessem um serviço de qualidade” (REIS, 2012).

Sem referências na Região Sul do Brasil, a programação local teve que adaptar produções nacionais de grande sucesso para manter a audiência (REIS, 2012) (KILPP, 2000). Reis (2012) confirma que alguns programas veiculados e produzidos em São Paulo e Rio de Janeiro eram regionalizados, com apresentadores locais e entrevistados da cidade.

A TV Tupi carioca, no início da TV Piratini, na época pré video-tape, participou da programação do Canal 5, com scripts de teleteatros e com roteiros e ideias de programas de sucesso no Rio de Janeiro, adaptados para o Rio Grande do Sul, mantendo as características da sociedade rio-grandense. Entre estes programas, podemos citar “Você estava lá”, que levava ao estúdio alguém que estivera em algum lugar onde acontecera algo excepcional. O fato era narrado e ilustrado com notícias de jornal, fotos, etc. e o participante acrescentava detalhes. [...] Note-se que a ideia viera da TV Tupi do Rio de Janeiro, mas os assuntos, sempre que possível, eram locais, com personalidades gaúchas. (REIS 2012, p.71).

Kilpp (2000) concorda que o rádio forneceu o primeiro formato da TV Piratini, ao também retratar os programas de auditório, e ao confirmar que a programação se desenvolvia em grandes estúdios.

Nesse ambiente, colocava-se no ar 7 a 8 horas diárias de entretenimento, movimentando centenas de funcionários, entre técnicos e artistas. Já as imagens externas advinham basicamente de cinegrafistas e destinavam-se aos telejornais, bem pouco ilustrados, e que utilizavam várias improvisações técnicas para transformar as imagens de vídeo no tempo de TV (KILPP, 2000, p.36)

No livro “Televisionários (2010)”, Walmor BERGESCH, ex-diretor da TV Piratini, descreve a programação dos primeiros dias, após a inauguração, em 20 de dezembro de 1959:

A primeira voz transmitida pela televisão no RS foi de Enio Rockembach. O primeiro apresentador foi Salimen Junior ao mostrar uma espécie de documentário que exibia ao público o que era e como funcionava a televisão internamente, seus bastidores e seus equipamentos (BERGESCH, 2010, p. 36)

Ainda no dia de estréia da TV Piratini, no período da tarde, ocorreu um incêndio numa loja no Centro da cidade. O Departamento de Cinema e Reportagem (assim era chamada a equipe que fazia imagens externas) enviou ao local os primeiros repórteres cinegrafistas para buscar as imagens em filme 16 mm e trazer as informações do incêndio para colocar no ar. Conforme Bergesch, “a televisão já percebera na sua infância que sua vocação era informar e buscou na imprensa jornalística, no rádio e nas agências de notícias, os profissionais da informação para o novo veículo.” (pág.37). Naquela noite de grande expectativa ocorreu o jantar comemorativo da inauguração da emissora, no Clube do Comércio, na Praça da Alfândega. O evento foi transmitido ao vivo, com o caminhão de externas estacionado na Rua da Praia. A apresentação foi de Carlos Alberto Rockenbach, irmão de Ênio Rockenbach, que ficou nos estúdios no Morro Santa Tereza. No ambiente de gala, com muitas autoridades, o clima era explosivo com a presença do empresário Assis Chateaubriand e do governador Leonel Brizola. Os dois eram inimigos políticos. Nos discursos aconteceram provocações, que se alongaram em réplica e tréplica. Bergesch descreve o desfecho dessa situação. “Como tudo já se estendia pela noite adentro e completamente fora do que tinha sido originalmente previsto, José de Almeida Castro deu ordem de encerrar as transmissões daquele longo primeiro dia da TV no Rio Grande do Sul.” (pág.39).

No dia 26, seis dias depois da inauguração, foi apresentado o primeiro espetáculo de

teledramaturgia: Piratini – Razão de um Nome, produção e direção de Nelson Cardoso. Segundo Bergesch, o primeiro rosto de ator a aparecer em cena, sendo transmitido ao vivo, foi de Antônio Augusto Fagundes, representando um soldado farroupilha (Figura 5). Diferente da transmissão pública em circuito fechado em 1955, desta vez eram as imagens ao vivo que chegavam para todos os lares com aparelhos. Além da teledramaturgia ao vivo, a programação inicial tinha jornalismo e variedades (shows de música), programas da TV Tupi de São Paulo e do RJ e séries americanas (Jim das Selvas, Bonanza, Papai Sabe Tudo). O primeiro telejornal local se chamava "Diário de Notícias na TV" e ia ao ar no final da programação, por volta das 22h30min. Outro grande destaque neste período era o programa "As Grandes Reportagens David Nasser", vinculadas a Revista O Cruzeiro. A cantora Hebe Camargo vinha do Rio para participar dos programas e foi na TV Piratini que se tornou apresentadora, tendo depois o próprio programa. O palhaço Carequinha também vinha de fora para gravar.

Figura 5 - Antônio Augusto Fagundes, primeiro rosto de ator na televisão do RS, em 1959, na peça do teleteatro “Piratini - Razão de um nome”, de Nelson Cardoso



Fonte: OS TELEVISIONÁRIOS - Walmor Bergesch pág.37

O mais famoso telejornal retransmitido pela Piratini era o Repórter Esso, Testemunha Ocular da História, no início dos anos 60, vindo do rádio. O programa passava de segunda à

sábado, sempre às 20hs e durava 15 minutos. Apresentava imagens filmadas, importadas de agências internacionais. As notícias nacionais passavam três ou quatro dias depois e os fatos internacionais demoravam mais de uma semana.

Neste período inicial, havia apenas cinco câmeras disponíveis, que ficavam nos estúdios com os equipamentos de apoio. Para fazer as transmissões externas, as pesadas câmeras eram transportadas em um caminhão.

“Fazia-se muita coisa em estúdio. Por questões de economia mais de 90% da programação era feita dentro da TV, nos estúdios, ao vivo. Praticamente tudo, pois não havia muitas câmeras disponíveis nem equipamentos de apoio. As externas eram raras porque complicadas em razão dos deslocamentos do caminhão da TV, da ocupação de câmeras pelo tempo ocioso dos deslocamentos e montagem dos equipamentos, câmeras estas imprescindíveis e valiosas em demasia na dinâmica das transmissões normais. Naturalmente, como no caso dos outros equipamentos daquele tempo, eram volumosas e pesadas caixas metálicas com válvulas e grandes hastes metálicas.” (BERGESCH, 2010, pág.50).

4.3 Análise dos primeiros programas na TV do RS

Na dissertação de mestrado em Comunicação pela PUCRS, Sérgio Reis (REIS, 2012), descreve com mais detalhes como era feita a programação do período da gênese da televisão gaúcha:

Nos primeiros meses, a programação entrava no ar às 19h25m e se estendia até as 22h30m, ou um pouco mais, dependendo dos programas. Cerca de seis meses depois, as transmissões começaram a partir das 17 horas, com o programa apresentado, diariamente, pela jornalista Célia Ribeiro, “Desfile na TV”. Mais um ano, e o início foi antecipado para as 15h30m, permanecendo neste horário até cerca de um ano após a entrada no ar da TV Gaúcha, que seguiu o mesmo esquema de horários da TV Piratini. Aos sábados e domingos, a programação começava às 11h, apresentando ao meio dia um tele-teatro de 90 minutos de duração, o “TV de Comédia” (BERGESCH, 2010, p.51).

Ainda dentro dessa perspectiva da programação pioneira, Reis (2012) destaca que o jornalismo era chamado de Cine-Reportagem, sendo um ponto importante desde o primeiro dia da TV Piratini, com a apresentação diária de dois telejornais: o “Repórter Esso”, de segundas a sextas feiras, exatamente às 20h, com quinze minutos de duração; e o “Diário de Notícias na TV”, também de segunda a sexta, no encerramento da grade, com o tempo de 25 minutos. Reis relembra alguns detalhes do noticiário que virou referência nacional, ficando no ar de 2 de janeiro de 1960, um sábado, até 31 de dezembro de 1965, uma sexta-feira:

O Esso, como era chamado internamente, tinha um departamento de produção próprio, a exemplo de como ocorria no rádio. As imagens locais eram captadas pelos cinegrafistas da TV Piratini, mas o forte do noticiário eram os filmes fornecidos pela UPI – United Press International com imagens de acontecimentos nacionais e internacionais. Este material, enviado das centrais de distribuição da UPI, no Rio de Janeiro e em São Paulo, para Porto Alegre, chegava com quatro a cinco dias de defasagem, mas, ainda assim, tinha grande repercussão. (REIS, 2012, p. 50)

Para completar a grade de programação que vinha de São Paulo e Rio, a TV Piratini teve que gerar conteúdo próprio, o que justificava os estúdios enormes, que facilitavam a montagem de cenários de programas que iam ao ar. Outros ficavam montados por um período até a novela ou o espetáculo terminar. Como só existia videotape apenas em São Paulo e Rio de Janeiro, os filmes para televisão eram poucos, a maioria com problemas de dublagens e legendas. “No início dos anos 1960, as programações eram predominantemente locais, abrindo generosos espaços, em horários nobres, para o mundo artístico, empresarial e político dos estados em que as emissoras estivessem localizadas. Fora do Rio de Janeiro e de São Paulo, não existia vídeo-tape e nem satélites ou rede de micro-ondas que possibilitariam transmissões interestaduais” (REIS, 2012, p. 27).

Na dissertação, Reis informa que houve uma grande mudança na televisão brasileira quando os profissionais do Rio de Janeiro e de São Paulo ‘se transformam em geradores de conteúdo nacional.’ Isso tem reflexo na grade de programação, que cede mais espaço e horários nobres para programas do centro do País. Essa alteração tem impacto direto na produção local, que é reduzida, ficando com horários periféricos, de baixa audiência. “Nas áreas comerciais, financeiras e de conteúdo, os executivos das cabeças de rede são instados a planejar nacionalmente. Começam a existir duas classes de profissionais de televisão, tanto internamente, nas emissoras, quanto junto ao público telespectador: os nacionais e os locais. Assim, exige-se destes profissionais nacionais um novo pensar. Um pensar nos níveis e moldes da forma americana de fazer televisão: exploração dos canais pela iniciativa privada, buscando sua sobrevivência através de veiculação de comerciais “ (REIS, 2012, p. 30).

Para ilustrar essa fase “artesanal” da televisão no início dos anos 60, ainda não havia repórteres por não ter câmeras manuais com gravação de som externo. As imagens gravadas pelos cinegrafistas eram levadas para o estúdio e colocadas no ar. E os locutores precisavam ler o script sobre o assunto olhando para o papel e para a câmera, ao vivo, sem cortes. Além das telenovelas adaptadas de clássicos da literatura inglesa, como Jane Eyre e Morro dos Ventos

Uivantes, que eram apresentadas em dois ou três capítulos por semana, a TV Piratini se notabilizou por apresentar clássicos bíblicos nas Sextas Feiras Santas. E o primeiro foi “Marcelino, pão e vinho”, em 1960, realização de Érico Kraemer e direção de Cambises Martins. No ano seguinte, a TV Piratini levou ao ar, ao vivo, a primeira superprodução bíblica: A Tragédia do Gólgota, com a direção de Sérgio Reis. Foram quase quatro horas de duração, ao vivo, com mais de 100 figurantes e atores em cenários produzidos dentro dos estúdios, com muralhas em painéis pintados, imitando casas e rochedos, incluindo árvores nativas arrancadas dos terrenos vizinhos e a presença de animais como ovelhas, cavalos e cães. Foram usadas as cinco câmeras disponíveis, iluminação e recursos de áudio e sonoplastia.

Quando realizei a entrevista com Reis, ele explicou o motivo de temas religiosos para as primeiras superproduções:

Naqueles dias, Sexta Feira Santa, as emissoras de rádio só tocavam música clássica. Parava a programação. A televisão parava toda sua programação. Programação da televisão na Sexta Feira Santa era exclusivamente corais e números de orquestra. Acabou a alegria, a tristeza da religião católica... Isso era uma coisa nacional. Sexta Feira Santa, a Igreja dominava. Então é fácil tu entender porque na Sexta Feira Santa se fazia a Tragédia do Gólgota, Marcelino Pão e Vinho, os Dez Mandamentos. Para tu fazer um espetáculo bom, para atrair público, então se aproveitava a data. Era só por isso. Se tu fizesse musical, os caras apedrejavam a TV. [Entrevista REIS, 2016]

Sem referências na Região Sul do Brasil, a programação local teve que adaptar produções nacionais de grande sucesso para manter a audiência. Reis confirma que alguns programas veiculados e produzidos em São Paulo e Rio de Janeiro eram regionalizados, com apresentadores locais e entrevistados da cidade. “A TV Tupi carioca, no início da TV Piratini, na época pré videotape, participou da programação do Canal 5, com scripts de teleteatros e com roteiros e ideias de programas de sucesso no Rio de Janeiro, adaptados para o Rio Grande do Sul, mantendo as características da sociedade rio-grandense. Entre estes programas, podemos citar “Você estava lá”, que levava ao estúdio alguém que estivera em algum lugar onde acontecera algo excepcional. O fato era narrado e ilustrado com notícias de jornal, fotos, etc. e o participante acrescentava detalhes. “Esta é a sua Vida”, programa emocionante em que o entrevistado ia para o estúdio pensando que daria uma entrevista ou algo parecido. Sua vida, previamente investigada, era narrada, através de depoimentos de parentes e pessoas amigas, para surpresa do convidado. Geralmente, terminava com choro convulsivo de participantes e telespectadores. “Quero saber mais”, uma criação de José de Almeida Castro, apresentado por

Walmor Bergesch, respondia dúvidas dos telespectadores. “Este mundo curioso”, também apresentado por Bergesch, era ilustrado, muitas vezes, com filmes cedidos pelo Consulado Norte Americano de Porto Alegre. Note-se que a ideia viera da TV Tupi do Rio de Janeiro, mas os assuntos, sempre que possível, eram locais, com personalidades gaúchas.” (REIS 2012, p. 71).

A chegada do videotape, que permitia gravações e arquivo de produções locais e nacionais, provocou uma mudança significativa na televisão do Rio Grande do Sul a partir de dezembro de 1961. O novo equipamento fazia a gravação prévia de programas para a transmissão em outros dias e horários, viabilizando a grade de programação.

5 SOBRE AS PERCEPÇÕES DOS ENTREVISTADOS

Seguindo a proposta inicial, as entrevistas foram feitas face a face com duas pessoas previamente selecionadas pela relevância das informações e pela experiência do protagonismo na televisão. Ambos são ex-funcionários da TV Piratini, que exerceram funções de destaque e que estão acessíveis fisicamente e socialmente. Eles foram capazes de comunicar a informação com precisão. Os depoimentos foram gravados com um aparelho digital. Parte do material selecionado foi editado por uma especialista para inclusão no site, que é o produto técnico final desta pesquisa. Através deste processo foram realizados novos registros da memória de produção dos primeiros programas de TV realizados no Rio Grande do Sul.

É importante ressaltar que foi seguido a indicação de Rosa e Arnoldi de que com “questionamentos diversos, o entrevistador conduz o entrevistado para que se volte a si próprio, fazendo-o lembrar de acontecimentos, datas, relações por ele vividas, de modo a compor um relato coerente e organizado para si mesmo e para aquele que o ouve.” (2008, Pág.41). O teor das perguntas foi do geral ao específico, dependendo da posição do entrevistado. A entrevista foi semi-estruturada, onde além das questões previamente elencadas, houve margem para inserção de outras perguntas necessárias para a complementação dos dados.

O foco dessa dissertação foi explorar o conjunto de relatos, observações e dados sobre o tema investigado. Não sendo preciso abranger a totalidade dos depoimentos dos interlocutores por haver pontos em comum. Mas ao mesmo tempo se tem conhecimento da singularidade própria da biografia de cada um.

Deste modo, foram utilizadas técnicas de entrevistas semi-estruturadas para questionar um dos primeiros diretores de imagem da TV Piratini, Sérgio Reis e o diretor de Esportes e de Telejornalismo, Batista Filho. A análise destas entrevistas foi feita com base nas respostas das questões formuladas sobre o assunto objeto dessa dissertação: a memória dos primeiros programas produzidos na televisão no Rio Grande do Sul. O roteiro de questões é apresentado no Apêndice A, assim como o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e de Uso de Imagem estão no Apêndice B. Se optou por criar categorias para auxiliar na organização do material a ser analisado, transcrição literal dos depoimentos, visando a forma de classificação de respostas.

5.1 Entrevistados

Os entrevistados foram Sérgio Reis, ex-diretor de imagens da TV Piratini e Batista Filho, ex-repórter esportivo e ex-diretor de telejornalismo da emissora.

Sérgio Luis Puggina Reis, 78 anos, nasceu em 1938, é radialista, jornalista e professor universitário aposentado. Atuou desde a inauguração da TV Piratini, em dezembro de 1959, até se transferir para a TV Gaúcha, em 1964. Nesta narrativa serão usados trechos da entrevista concedida em 11 de junho de 2016, em sua residência, em Canoas/ RS. Reis começou a carreira como rádio-ator na rádio Farroupilha, sendo também locutor e redator de notícias. É um dos 17 funcionários da rádio que foram selecionados pelos Diários Associados, em setembro de 1959, para operar a primeira emissora de TV do Rio Grande do Sul. No curso de televisão, no Rio de Janeiro, se formou diretor de imagens (switcher - suíte). Também dirigiu uma das primeiras superproduções locais ao vivo, encenando a Via Crucis (A Tragédia do Gólgota), na Sexta Feira Santa de 1961.

João Batista de Melo Filho, 75 anos, radialista e jornalista aposentado. Foi presidente da TVE e Fundação Piratini no governo Collares (1990-1994) e é o atual presidente da Associação Riograndense de Imprensa (ARI). Foi usada entrevista concedida no dia 24 de outubro de 2016, nas dependências da ARI, no prédio da avenida Borges de Medeiros, 915 - 7º andar. Batista Filho foi narrador e repórter esportivo da rádio Farroupilha no final dos anos 50. Foi o primeiro contratado da história da TV Piratini, em maio de 1959. Mas não foi para o Rio de Janeiro com o grupo de 17 funcionários da rádio para fazer o curso de televisão. Foi contratado como locutor e noticiarista esportivo. Na TV Piratini, exerceu as funções de diretor de Esportes e diretor de Telejornalismo até a extinção da emissora, em 1981.

5.2. Análise das entrevistas

Sérgio Reis e Batista Filho têm em comum a origem no rádio. Ambos estavam na rádio Farroupilha quando foram convidados para atuarem na primeira emissora de televisão do Rio Grande do Sul em 1959. A partir da análise das entrevistas, algumas categorias emergiram, mostrando outras afinidades e pequenas divergências. O quadro abaixo sintetiza as duas

principais categorias e subcategorias a posteriori.

Quadro 1 – Categorias de análise

Categorias	Subcategorias	Núcleos de Sentido
Programação	primeiras transmissões	perfil dos profissionais caráter elitista
	programas antes do videotape	regionalismos programas esportivos
Atores Sociais	relações com SP	formação de opinião pública
	relações locais	

Fonte: autoria própria, 2017

5.2.1 Programação

Sobre o conteúdo das **primeiras transmissões** houve uma unanimidade entre os entrevistados. Para os dois profissionais, a programação inicial era uma reprodução dos programas de rádio, incluindo as telenovelas, programas de auditório e os telejornais. Exemplo maior foi o noticiário Repórter Esso, que fazia grande sucesso nas rádios e passou para a TV. Era o rádio com imagens, como se dizia na época. Destaque também para apresentações de ballet, dos grupos musicais e dos programas de variedades.

Os depoentes também concordam que nesta fase artesanal da TV, as tradições e o regionalismo foram muito valorizados. Para Batista Filho, “esse período foi muito rico em ensinamento, e notadamente, de valorização da cultura do Rio Grande do Sul. Porque ali na Piratini passaram a surgir valores não apenas no convencional, que era aquilo que quase reproduzia a imagem do existente do rádio da época, que eram os noticiários, que tinham a mesma forma de redação, a mesma forma de locução, mas tinha a imagem do locutor”. Sérgio Reis destaca que, ainda sem o videotape, se usou muito o que tinha de artista local, principalmente os que vinham do teatro, do circo e do cinema. Grupos musicais clássicos e regionalistas ganharam bastante espaço nas primeiras grades de programação. Com o advento do videotape, a partir de 1962, começam aparecer programas gravados no Rio e São Paulo, reduzindo a produção local. Segundo Batista Filho, as coberturas esportivas eram feitas da mesma maneira que nas rádios com locutor, repórter e comentarista. O ex-diretor detalha mais

os primeiros programas produzidos em Porto Alegre:

[...] o teleteatro, era uma reprodução das novelas da Rádio Farroupilha, da Rádio Gaúcha, de Porto Alegre, que concorriam nessa área, trabalho de grande qualidade. E, abriu-se sim um espaço para as outras manifestações artísticas. O ballet tinha um espaço especial na televisão. A Toni Petzold lançou lá muitas das meninas aqui em Porto Alegre, que encantaram o público com a sua arte, com a sua leveza nas suas apresentações. Além do teatro, do teleteatro da novela, os programas humorísticos do Rio Grande do Sul, acrescentavam as personagens, também do rádio, com novas figuras aqui no Estado, que foram lançadas. Houve programação específica feminina na TV Piratini com a Célia Ribeiro, depois com a Érica Kraemer. Coester naquela época, depois casada com o Heitor Kraemer, com um programa feminino à tarde. Então existia essa variedade das transmissões, além do futebol, externas, eram do Jockey Club do Rio Grande do Sul, dando grande destaque a atividade turfística, numa época também que se registrou a mudança do hipódromo do Moinhos de Vento para o hipódromo do Cristal. Então foi um período de extrema valorização da cultura riograndense. E os programas culturais envolviam também os programas regionalistas que existem até hoje, como o Galpão Crioulo da RBS, que começaram ali, na TV Piratini. (JBMF)

Embora não tenha sido lembrado por nenhum dos entrevistados, a pesquisa documental realizada indicou que o primeiro programa regionalista de TV aqui no Estado se chamava “Querência” e era apresentado por Darci Fagundes e Luís Menezes.

Batista Filho destacou também a importância da música como entretenimento, na época de ouro do rádio, com as grandes orquestras e conjuntos musicais.

A música tinha espaço não apenas para as grandes orquestras, que vinham bem adiante das imagens da Farroupilha, com o maestro Salvador Campanella. A rádio tinha quatro grandes maestros: Don Manso, Alfred Wilbert. Tinha também essas apresentações dos regionais, dos conjuntos melódicos. Eram feita até uma espécie de rivalidade do Baudalf com outros conjuntos. O Flamboyant era o terceiro deles. Primo e seu Conjunto. Conjunto melódico. Então, foi uma época efervescente até o surgimento do videotape. Surgimento do videotape que era mandado prá cá em aviões de programas que eram apresentados no domingo. O próprio Conversa de Arquibancada, que foi o grande programa de debates. Até hoje encontro aí pelos rincões do Rio Grande pessoas que perguntam: e o Conversa de Arquibancada não volta mais? Não tem como, né, num cenário rústico, pobre, uma conversa sobre o futebol do domingo que envolvia Rio Grande do Sul, Rio e São Paulo. Mas era propositadamente programada para às terças-feiras porque o avião da Varig, normalmente, só chegava com o videotape do Rio de Janeiro às segundas. (JBMF)

Sobre o caráter da programação inicial, os tipos de programas que eram veiculados, houve uma divergência nas entrevistas. Batista Filho concordou ser elitista por ter ballet, teleteatro, concertos, mas era feita com o que se tinha em Porto Alegre.

Ele era elitista porque era o que existia nas praças. Por exemplo, você tinha aqui o programa de auditório que era absolutamente popular. Se levava o Salimén Júnior. A

TV Gaúcha, que veio logo depois, a TV Gaúcha, por exemplo, tinha sua grande vinculação com público através do programa do Gordo, do Ivan Castro. Até o Daltro Cavalheiro uma época fez sucesso na televisão aí com um programa popularíssimo. (JBMF).

Sérgio Reis entende que não havia preocupação com a “cultura” (no sentido coloquial de erudição) e sim “agradar ao povão” (no sentido de utilizar qualquer programação que garantisse audiência). Deste modo, a fase elitista foi mais forte nos anos 50, anterior ao início da TV Piratini ao Rio Grande do Sul. Na década seguinte, anos 60, começa uma fase de popularização dos programas, incluindo show de calouros, humorísticos e telenovelas. Sérgio Reis reforça que, nos primeiros meses de funcionamento, a emissora pioneira do Rio Grande do Sul se aproximava mais de um modelo comercial, se afastando do modelo elitista da TV Tupi na década de 50.

Poderia te mentir aqui...preocupação com a cultura...não,não. Era agradar ao povão. Nós usamos muito o que tinha de artístico local. Porto Alegre, na época, nos anos 50, um dos grandes must da época eram as escolas de ballet. As meninas de família tinham que estudar ballet. (...) Tinha a escola da Salma Chemale, Tonia Said's Petzold, do Rola. E nós fomos buscar essa gente. Chegando lá para dona do ballet, vamos levar seu ballet prá mostrar e tal...claro, sem dúvida que vamos. As gurias iam e dançavam de graça, elas ficavam felizes, a família ficava feliz porque a filhinha apareceu na TV dançando ballet. A gente usava esse pessoal que tinha no local. Conjuntos musicais, o programa do Norberto Baldauf, Flamboyant.”(SLPR)

Batista Filho ressalta que no início não havia manipulação. “Não tinha de forma nenhuma porque era a necessidade da venda comercial o entretenimento. Porque existia a crença, geral e equivocada, de que a TV era a substituta da rádio, que a rádio deixaria de ser o elemento fomentador de recursos, gerador de recursos dos grupos de comunicação. Eles entendiam que formador de opinião era o jornal e as revistas.” Ele cita as revistas O Cruzeiro (do grupo Diários Associados) e Manchete (Bloch) como referências.

Sobre a grade de programação, os dois entrevistados confirmam que nos primeiros dias a transmissão iniciava depois das cinco horas da tarde e encerrava às dez e meia da noite. Era o período que mais tinha espectadores em casa, o que dava audiência nos poucos televisores que existiam nas residências, no início dos anos 60. Depois o horário se expandiu. Sérgio Reis explicou que a ordem dos gêneros televisivos era decidida pelo Diretor de Programação. “A grade de programação, nós já sabíamos o que uma televisão tinha que fazer e o que podia fazer. Notícia, música, entretenimento, programas de variedades, programas culturais, educativos na

medida do possível, programas infantis e programas para público adulto, né, como novelas, teleteatros, enfim. A grade era montada dentro desta disponibilidade”, descreveu o ex-funcionário.

Os critérios para estabelecer a programação dependiam do público, conforme o entrevistado. À tarde, programas infantis. Depois variedades, para o público predominantemente feminino e à noite telejornais, novela, filmes, teleteatro e musicais. “A ordem era entretenimento, buscando atingir as diferentes faixas etárias. Era totalmente planejada aqui. Não havia como ser decidida em São Paulo e Rio. Não havia o conceito de rede e cada praça tinha suas especificidades. Contava com os artistas locais. Impossível isso ser decidido fora de Porto Alegre” (SÉRGIO REIS, e-mail 27 de julho de 2016). Batista Filho lembrou que a grade de programação nos sábados e domingos era mais extensa, com partidas de futebol à tarde e musicais à noite. O ex-diretor da emissora esclareceu durante a entrevista que a chegada do videotape mudou a estratégia da televisão. A reprodução de programas gravados no Rio e São Paulo provocou um barateamento de custos, mas criou um problema local: reduziu o espaço dos programas regionais. As fitas com os programas gravados vinham de avião do centro do País.

Daí veio o advento do videotape. O advento do videotape foi uma necessidade econômica e o barateamento de custos pras emissoras regionais, que ao invés de gastar seis vezes para produzir um programa em cada praça, digamos que tenha começado com seis emissoras próprias da Tupi, ela gastava uma vez e esse programa era reproduzido. Com semana de atraso. Faziam as cópias, mas ele era reproduzido com uma semana de atraso nas outras praças. Porque não existia os satélites, não existia Embratel. (JBMF)

5.2.2 *Atores Sociais*

Sérgio Reis afirmou nesta entrevista que participou de um momento aqui no Estado onde poucos tinham conhecimento do novo meio de comunicação, no final da década de 50.

Quando foi para inaugurar a TV Piratini em Porto Alegre, você tem que imaginar uma Porto Alegre, um Rio Grande do Sul, sem televisão. Ninguém tinha visto televisão nunca aqui. Algumas pessoas iam ao Rio e São Paulo, e viam televisão esporadicamente, mas não era expressivo. (SLPR)

Reis também explicou que a TV era um meio de comunicação de custo oneroso, sem mão de obra especializada e trazer gente de fora teria o problema de adaptação. A solução foi dada pelo diretor da TV Tupi, do Rio de Janeiro, José de Almeida Castro, que criou um curso

de televisão para treinar pessoas que iriam operar equipamentos e produzir os programas. A ideia era que voltassem e comesçassem a preparar localmente outras pessoas para essas funções. Isso seria o básico para a TV começar a funcionar. Os selecionados da Rádio Farroupilha foram para o Rio e ficaram num curso durante quatro meses, que segundo o entrevistado, foi uma verdadeira imersão de televisão. “A televisão formava seus profissionais “a machado”...entrava, começava a trabalhar, ia aprendendo e ia ficando”, observou.

O teor das entrevistas indica que, em termos administrativos, havia uma relação de subordinação com a direção nacional da rede Tupi, que indicava o diretor de programação. Contudo, na questão de produção dos programas locais, havia liberdade de criação, mas sem autonomia no planejamento. Segundo informações do ex-diretor Sérgio Reis (via e-mail em 27 de julho de 2016), na fase de inauguração, o diretor de Programação foi Péricles Leal, famoso diretor de programas da TV Tupi Rio e professor do curso de televisão que os funcionários da rádio Farroupilha realizaram. Depois de uns alguns meses, ele foi substituído por Cambises Martins. Apesar de serem profissionais de fora do Estado que dirigiam os técnicos e funcionários da emissora gaúcha, havia autonomia em relação ao comando centralizado da rede em São Paulo e Rio de Janeiro:

O sentido de rede era um negócio incrível. Os Associados tinham uma rede de televisão e não usavam a rede de televisão. Existia briga entre eles. (...) Cada um querendo ser melhor que o outro, mandar no outro, aquela coisa toda. O Edmundo Monteiro e o Almeida Castro no Rio e Edmundo Monteiro em São Paulo. E Chateaubriand era a figura que decidia. (...) Nós ficamos livres disso, como Belo Horizonte ficava também, pela distância, pela dificuldade de comunicação. Tu mandava um telegrama, dependendo do horário, o telegrama chegava no dia seguinte. A urgência era nenhuma. (...) Então nós tínhamos uma liberdade. Não tinha esse sentido de rede. Esse sentido começa com o videotape, que entra na parada em 1962. (SLPR)

Batista Filho também concorda que havia liberdade para produção de programas. E cita como exemplo um programa de entrevistas que teve a presença de Tenório Cavalcante, que era inimigo de Chateaubriand. Lembrou também que no jantar da cerimônia de inauguração da TV Piratini não foi interrompida a transmissão quando houve uma discussão entre o empresário e o governador Leonel Brizola.

O que Reis destaca também é que não havia uma comunicação direta do comando nacional. Naquela época o contato por telefone de um Estado para o outro era demorado. Não conseguiam ligações na mesma hora. Por isso, os funcionários e diretores tinham autonomia na forma de produzir os programas, mas baseados na fórmula usada nas outras emissoras.

Programas nacionais de sucesso, como Alô Doçura, eram regionalizados. Fórmula essa que veio das TVs americanas. Entretenimento para a família na tarde, novelas e notícias à noite.

Ainda sem o conceito de rede, cada praça tinha suas especificidades, o que era respeitado pelo dono do grupo Diários Associados, o empresário Assis Chateaubriand. Ele usava referências regionais para ampliar a audiência e investia em artistas locais. Os programas produzidos no centro do País, de grande sucesso, eram refeitos aqui com apresentadores locais. “Nunca ninguém teve autonomia para fazer o que queria. Censura sempre houve. Os militares fizeram um tipo de censura política. Censura sempre teve, censura religiosa. Havia alguns cuidados. (...) Mas neste sentido, sim, havia uma censura de costumes.” (SÉRGIO REIS, 2016). Batista Filho também lembrou que no governo militar havia um censor enviado pela Brigada Militar que controlava as manifestações políticas dentro da emissora e o conteúdo dos programas que eram transmitidos.

Então censura mesmo passou a existir a partir de 1964. Eu vivi esse problema porque eu era diretor de telejornalismo da emissora. Era muito moço ainda mas era diretor de telejornalismo. E o pior, além da censura, era a auto-censura. O medo de prejudicar a emissora, os colegas, com as ameaças que eram: tira do ar três dias. Tirar do ar três dias era três dias sem faturamento. Três dias sem faturamento era o mesmo que quarenta dias, no mínimo, prá quem recebia salário. Mas existia absoluta liberdade para criar e apresentar. (JBMF).

A instalação da primeira emissora de televisão provocou mudanças sociais, políticas e econômicas em Porto Alegre. Estava se formando um público telespectador, uma linguagem própria da televisão e uma estratégia de marketing comercial baseada no modelo da TV dos Estados Unidos. Ou seja, intervalos com propaganda de empresas e dos governos. Além de ser uma espécie de “vitrine” para autoridades e políticos, o meio de comunicação também influenciava opiniões e costumes, com o surgimento de novos consumidores. Apareceram muitos programas com o nome do patrocinador como o Grande Show Wallig (marca de fogão), Repórter Esso (multinacional de combustíveis). Conforme Sérgio Reis, a audiência tinha picos com alguns gêneros, como a telenovela e os programas de artistas como a Hebe Camargo, que vinha gravar em Porto Alegre. Batista Filho revela que alguns espaços foram cedidos para cinegrafistas independentes, que vendiam as imagens para montar um programa local, com narração simples.

Mas era na programação diurna, que não era considerada nobre. Assim como a Piratini foi pioneira no noticiário do meio-dia. O Jornal do Meio Dia da Piratini foi feito dois anos consecutivos no período da praia, vendendo comerciais nas praias. (JBMF)

Sérgio Reis afirma que viveu um momento épico da televisão no Rio Grande. Ele se emocionou ao dirigir as primeiras transmissões oficiais no Estado, em dezembro de 1959.

Eu tive o privilégio de ser o primeiro suíte⁵ a botar a imagem da TV no ar. Chorei feito um louco, um bezerro desmamado. Porque eu senti a responsabilidade daquilo. Eu sentia que o que estávamos fazendo ia mudar o Estado. O Estado não tinha televisão. As pessoas não sabiam o que era televisão, não tinham visto nada, não tinham idéia. As pessoas perguntavam: mas como é ? É cinema, é filme ? O que é ? O que acontece ? O que vocês vão botar prá gente ver ? Assim..E aí começou a loucura da TV. Aquela sensação de que rádio e televisão é um negócio que você bota no ar e não vai parar de botar no ar. Todos os dias você vai botar no ar. Foi uma experiência absolutamente fantástica. (SLPR)

Conforme os relatos dos entrevistados, os programas eram compartilhados com vizinhos (televizinhos), ocorrendo a formação de opinião, a opinião pública. Nos dois primeiros anos de transmissão não havia concorrência (a TV Gaúcha só surgiria em 1962) e a medição de audiência era mais voltada ao setor comercial, para verificar a repercussão nas vendas dos patrocinadores.

5.3 Algumas percepções do entrevistador

No início dos anos 50, quando havia apenas duas emissoras de TV no Brasil, as programações de cada canal televisivo eram diferentes. Na TV Tupi paulista, predominava programas de tele-teatro, com peças clássicas e de entrevistas, enquanto, no Rio de Janeiro, a TV Tupi local apresentava programas musicais e shows de humor, a exemplo dos espetáculos dos teatros de revista. Obedeciam a características próprias de cada público. Aqui no Rio Grande do Sul, houve uma mistura dos dois tipos de programação.

A gênese da televisão brasileira nos anos 50, com a TV Tupi, se repete no Rio Grande do Sul dez anos depois. A expectativa da chegada do novo meio de comunicação resultou na formação de um imaginário tecnológico. Neste período artesanal, as ações foram improvisadas, marcando um período de experimentações e da emergência de um público televisivo. As entrevistas comprovam o trabalho inicial de pessoas sem experiência, que aprenderam fazendo,

⁵ Suíte é o termo adotado no Brasil para designar switch

<http://www.cofen.gov.br/wp-content/uploads/2017/04/Resolu%C3%A7%C3%A3o-538-2017-Anexo-Completo.pdf>

Mesa de corte ou de controle (Switcher) – bancada eletrônica controlada pelo diretor de TV que coordena o programa, indicando o corte das câmeras, entrada de VTs, etc.

Switch – sala de controle onde trabalham o diretor de TV, sonoplastas, operadores de VT, GC e o editor-chefe do telejornal no momento em que o programa está no ar

mesmo com limitações técnicas e falta de mão de obra especializada. A televisão no Brasil e aqui no Estado se desenvolveu na base do empirismo, na busca de sua própria identidade. Os primórdios dessa tecnologia foram marcados pela reação do público diante da novidade e da sensação (imagens com som num pequeno móvel-caixa). Uma nova linguagem que levou duas décadas para se estruturar, destacando a mesma formatação das primeiras grades de programação em São Paulo, em 1950, e aqui na TV Piratini, em 1959 (reduzida e com gêneros variáveis). Período marcado também pelo entusiasmo dos funcionários em conquistar público. A TV optou por acompanhar o ritmo das manifestações culturais em São Paulo e Porto Alegre. Toda a primeira década da televisão nacional foi ao vivo, assim como os três primeiros anos de funcionamento no RS. Conforme os ex-diretores, foi um lento aprendizado atrás das câmeras, onde os estúdios se transformaram em laboratórios. Na TV Piratini, os primeiros diretores e produtores foram audaciosos ao montarem superproduções ao vivo dentro dos estúdios. Uma fase onde o entusiasmo era maior que os limites técnicos.

Deste modo, a televisão no Brasil começou por decisão de um empresário da iniciativa privada, e não por uma vontade de governo. Por uma razão de negócios (compra de equipamentos nos EUA) atrelou-se o padrão técnico à forma americana de fazer TV: iniciativa privada, essencialmente comercial, conforme a visão de Chateaubriand. Bem diferente da europeia, na época somente com emissoras estatais, sem veiculação de comerciais, que se sustentava mediante taxas pagas pelos possuidores de receptores de televisão.

Na sua fase inicial, a televisão era considerada elitista porque o público espectador era de classe alta. A TV não muda o público. Parafraseando Sérgio Reis, o público é que muda e influencia a TV, que busca outras demandas para manter essa audiência. Nos anos 70, o público cobrou uma moralização dos programas. E a Globo criou um padrão de qualidade. Mais uma vez o público mudou a televisão. São variáveis econômicas e sociais, provocando mudanças boas e ruins. E a TV vai atrás desse público diferenciado. E um dos equívocos, segundo Sérgio Reis, ex-diretor, é que as emissoras fazem pesquisa para saber o que espectador quer ver, e não o que ele viu.

Atualmente, no século XXI, televisão é vista, pela maioria dos telespectadores, como o veículo do lazer e da informação. O que se verifica é que não importa de onde vem este lazer e esta informação. Basta fazer rir, se distrair e ficar informado, independentemente da origem. Se um humorista carioca provocar mais risos do que um gaúcho, ele será o preferido dos telespectadores, mesmo sendo de fora. Aparentemente, não há mais espaços para emissoras

como as que existiam há 30 anos. Uma TV Piratini, nos moldes em que ela começou a operar, em 1959, hoje se inviabilizaria operacionalmente. Entre as razões, a questão dos patrocinadores nacionais, como Bradesco, Esso, Unilever e outros, que, na época, anunciavam maciçamente na emissora local, hoje anunciam na rede nacional. É inimaginável que se realizassem, atualmente, grandes produções dentro dos estúdios como aconteceu na TV Piratini e na TV Gaúcha. Os custos não teriam como serem diluídos e os clientes locais não teriam aporte financeiro para, com seus comerciais, cobrir as despesas.

Outra questão levantada durante a pesquisa foi a forma de disseminação da cultura nos meios de comunicação. Conforme Adorno, no capítulo “Indústria Cultural”, da obra *Dialética do Esclarecimento*, tudo se torna negócio. Para induzir ao consumo através da grande mídia (rádio, cinema, TV e jornal), é realizada uma sistemática de propaganda comercial que explora os bens culturais. Além disso, o consumidor não precisa pensar, basta escolher. Com isso perde a consciência crítica, segundo um dos autores da “Dialética do Esclarecimento”. E cita o cinema como exemplo de um mecanismo de lazer que se transforma num meio de manipulação. A televisão também está inserida neste contexto. A cultura se transforma em mercadoria. Com a reprodução desses programas produzidos com a intenção de consumo comercial, se mantém a ideologia dominante. No período pesquisado (primeiro ano de transmissão da TV Piratini) se observa uma programação que mistura programas culturais (teleteatro, musicais) com programas populares como telenovelas, programas de auditório (*Grande Show Wallig*) e de variedades.

Nos anos 50, a primeira emissora, TV Tupi, reproduziu uma programação com mais erudição do que entretenimento. É a chamada fase elitista, com programas voltados para a alta classe da sociedade. Com uma linguagem própria ainda em construção, a televisão apenas reproduz a arte cultural sem manipulação. O esquema comercial era baseado no rádio, com a venda dos espaços entre os programas (intervalos) para patrocinadores que davam nome às atrações (*Repórter Esso*). Neste primeiro momento, era necessário para a manutenção da emissora. Por ser uma mídia com origem no capital privado do empresário Assis Chateaubriand, a TV deveria dar lucro.

Desde o início a TV sofre pressões políticas e comerciais por ser um veículo de massa. Como se referiu Bordieu (1997), a TV surgiu para fazer o registro do cotidiano, mas se tornou um instrumento de criação da realidade para influenciar o comportamento da sociedade. A programação da fase inaugural foi marcada pela forte tradição em dramaturgia televisiva, que

foi construída desde os primeiros momentos da TV no RS. E uma frase marcante desta pesquisa foi proferida pelo primeiro diretor de imagem da TV no Rio Grande do Sul. Uma declaração que resume todo o sentimento de quem foi protagonista de um período histórico da Comunicação do nosso Estado:

Mais do que uma realidade social, é um fato econômico atual, que será alterado pelas novas mídias e pela convergência digital. Atualmente, a internet mostra que os espaços locais, mesmo que artesanais e rudimentares, podem usar uma nova mídia, mesclando-se com temas nacionais e internacionais. No entanto, e surpreendentemente, grandes mudanças estão acontecendo, não tanto pela criatividade de profissionais da área, mas pela tecnologia colocada à disposição dos operadores em comunicação. Estamos vivendo um fantástico período de mudanças para o qual não se vislumbra um fim.

6 PRODUTO FINAL

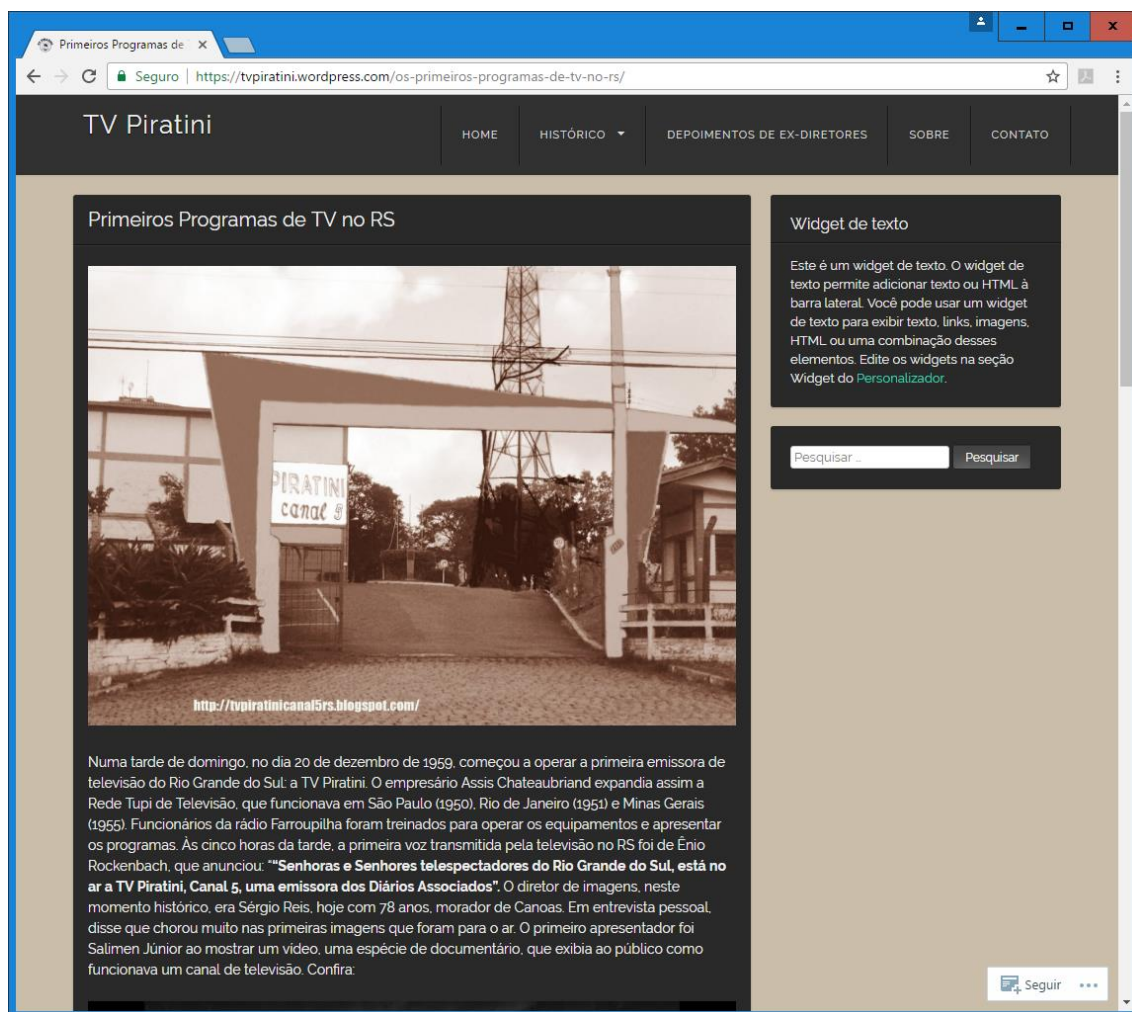
O produto final dessa dissertação de Mestrado Profissional é um site com os principais achados da pesquisa, acessível através do endereço <http://tvpiratini.wordpress.com>. O objetivo é compartilhar informações sobre a memória da televisão no Rio Grande do Sul e divulgar para futuros profissionais, estudantes e público em geral. Essa publicação digital de conteúdo na internet é uma forma de ampliar o acesso e homenagear os pioneiros da televisão gaúcha e brasileira. Sua concepção surgiu e evoluiu ao longo do percurso metodológico. Utilizando a plataforma WordPress, a construção do site inclui páginas de conteúdo com os resultados dessa pesquisa e um blog integrado que caracteriza uma parte que poderá ser continuamente alimentada. Também será disponibilizado links de blogs temáticos relacionados.

As páginas seguem um conceito de documentário, formada por textos com informações sobre o início da televisão no Rio Grande do Sul, a contextualização e comentários sobre curiosidades dessa fase. Também contém fotos de jornais da época, que apresentam os primeiros artistas, apresentadores e jornalistas, com os bastidores dos primeiros programas produzidos nos estúdios em Porto Alegre. Também há reprodução de algumas grades de programação e textos da primeira coluna de TV no RS. Além disso, o site apresentará trechos em vídeo das entrevistas realizadas com os ex-diretores e imagens de acervo da Fundação Piratini disponíveis de forma pública. Deste modo, o site contém as seguintes páginas:

- Depoimento de ex-diretores da TV
- Os primeiros programas
- Cobertura no Jornal nos primeiros meses (“curiosidades, bastidores, matérias e as primeiras grades de programação”).)

Os trechos dos relatos foram editados de modo a ficar dentro do tempo médio estimado de vídeos do You Tube e que possam ser compartilhados nas redes sociais de forma mais prática e ágil. A figura a seguir representa uma das páginas para ilustrar a estrutura apresentada.

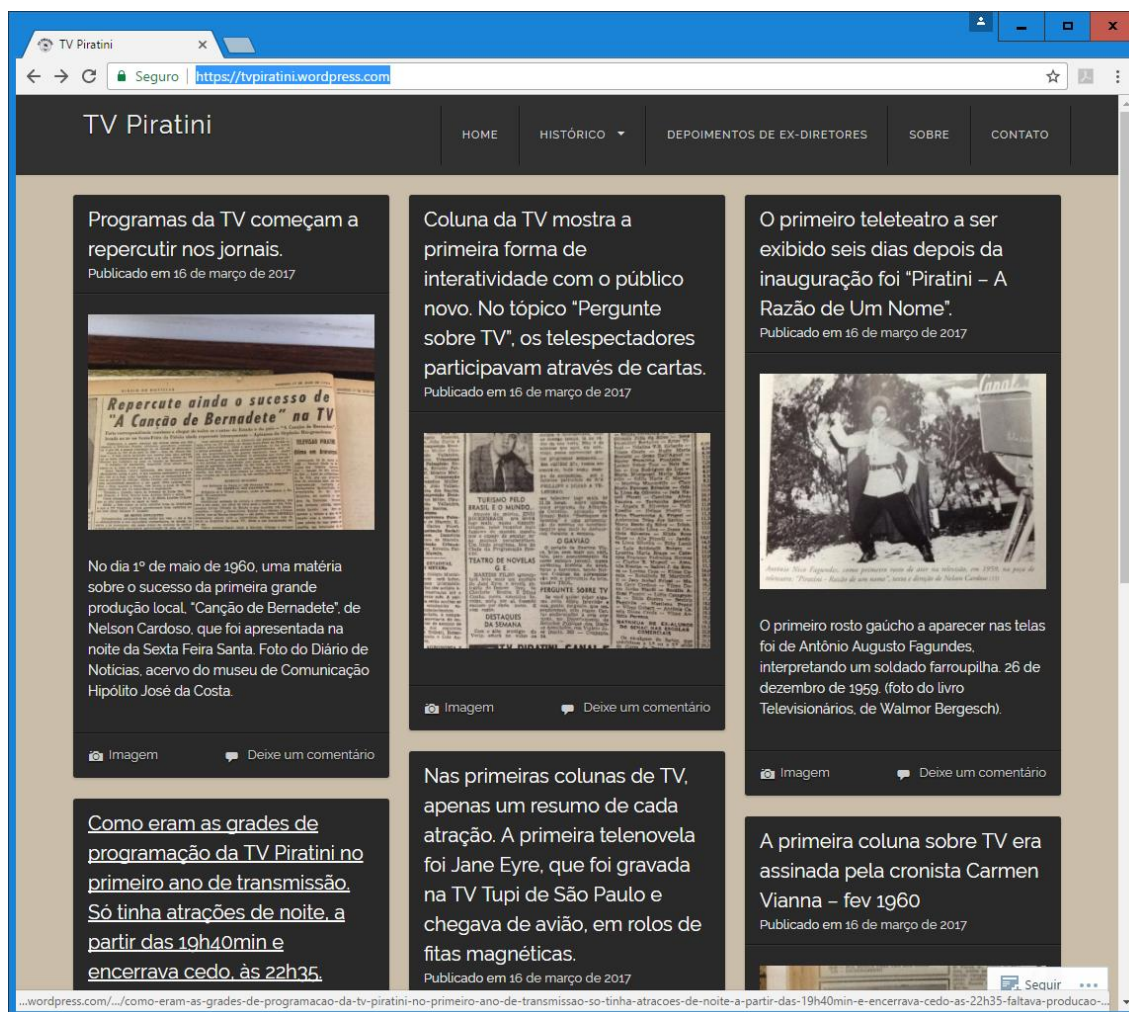
Figura 6 – Exemplo de uma das páginas do site – “Primeiros Programas de TV no RS”



Fonte: Site <https://tvpiratini.wordpress.com/os-primeiros-programas-de-tv-no-rs/> - 31/03/2017

Na área do blog, além de curiosidades, o autor da pesquisa fará comentários contextualizando o período estudado com a programação atual. A pretensão é manter postagens diárias, nessa ferramenta que serve para difundir o tema, além de ser um canal de interatividade. As pessoas que acessam poderão deixar comentários. Algumas postagens já foram realizadas demonstrando o tipo de conteúdo e sua potencial divulgação via redes sociais, e podem ser visualizadas na Figura 7.

Figura 7 – Exemplos de postagens realizadas na área de blog do site.



Fonte: Site <https://tvpiratini.wordpress.com/> - 31/03/2017

A escolha pelo uso da plataforma Wordpress se deu pelas funcionalidades e flexibilidade desta, além de ser um software livre que permitirá acesso gratuito e no qual podem ser acrescentados novos materiais sem necessidade de um especialista em desenvolvimento web. Finalmente, é importante destacar que através deste produto se pretende democratizar a História da Televisão no Rio Grande do Sul, além de contribuir para a compreensão deste meio de Comunicação.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise bibliográfica da História da televisão brasileira e gaúcha, a pesquisa documental do período inicial deste meio de comunicação e os depoimentos de ex-funcionários da TV Piratini confirmam um período praticamente “artesanal”, onde a programação elitizada ainda predominava e a linguagem própria estava em construção. Além de analisar o conteúdo da programação e as influências na produção local, esta dissertação pesquisou a memória da produção dos primeiros programas de televisão produzidos no Rio Grande do Sul na TV Piratini.

Os depoimentos desses ex-funcionários são a memória viva de um período histórico da Comunicação no RS. Principalmente após a extinção da Fundação Piratini pelo governo do Estado, através de projeto aprovado pela Assembléia Legislativa em dezembro de 2016. Se trata de um período com raras imagens de vídeo, o que prejudica o patrimônio imagético cultural, com apenas fotos de jornais da época. Essa dissertação permitiu registrar alguns dos que fizeram e o que eles fizeram, transmitindo para futuras gerações referências de um tempo e de um espaço singulares.

A análise documental realizada evidencia que, na fase inicial, a televisão era uma estrutura de registro do cotidiano, com informações e entretenimento. Uma verdadeira “aventura” feita ao vivo, com grandes produções nos estúdios. Profissionais de outras áreas (rádio, teatro e publicidade) se uniram para viabilizar as transmissões e a produção dos primeiros programas locais a serem divulgados. Conforme as grades de programação publicada nos jornais analisados, no início da década de sessenta, 50% da programação era local e predominavam os anunciantes locais. Os artistas regionais do rádio e do teatro de revista tiveram grande destaque, divulgando nossa cultura e nossas tradições, o que incentivava a audiência e criava vínculos. Os outros 50% da grade eram de programas criados no Rio e São Paulo, que eram produzidos aqui com apresentadores locais. Com uma pequena produção local, a programação dependia das atrações nacionais de fora do Estado.

Conforme os entrevistados, a TV Tupi carioca, na época pré videotape, participou ativamente da programação do Canal 5 de Porto Alegre, com scripts de teleteatros e com roteiros e ideias de programas de sucesso no Rio de Janeiro, adaptados para o Rio Grande do Sul, mantendo as características da sociedade rio-grandense. Programas de auditório, musicais e de entrevistas seguiam o modelo executado nas emissoras do centro do País. Além disso, o

diretor de Programação era indicado pela direção nacional dos Diários e Emissoras Associados. Estes são alguns dos aspectos que influenciaram a produção local no primeiro ano de transmissão, o que responde a questão norteadora deste trabalho.

Entre os objetivos específicos, foram analisadas as grades de programação, sendo identificados os horários, os gêneros televisivos e programas locais como Querência (tradicionalista), Grande Show Wallig (auditório) e teleteatro como “Piratini, a Razão de um Nome”, além de superproduções como “Canção de Bernadete” e “Tragédia do Golgota”. Entre os critérios identificados para a seleção da programação estavam o horário, artistas mais conhecidos e importância do assunto.

As narrativas dos entrevistados confirmam a censura política, econômica e pessoal que existia neste período, respondendo a um dos objetivos desta dissertação. Conforme um dos depoimentos, profissionais sofriam a censura de costumes, vinculada com traços ditos conservadores desse período social e alinhada com valores da Igreja Católica.

Entre as dificuldades para realizar essa pesquisa está a escassa produção bibliográfica sobre a história da televisão no Rio Grande do Sul. Em 2000, a professora Suzana Kilpp analisou o tema, mas criticou a incipiente bibliografia, principalmente antes do período de 1972, quando surgem as primeiras imagens a cores na TV brasileira. Um feito de profissionais gaúchos determinados a responder a uma demanda do governo militar. Com poucas fontes, e sem conseguir aprofundar o assunto como gostaria, o livro da professora Kilpp recebeu o título “Apontamentos para uma história da televisão no Rio Grande do Sul”. Também teve publicações que se basearam nos bastidores das emissoras na fase inicial, mas sem preocupação acadêmica, apenas relatos.

Recentemente, em 2010, é que foi publicado um livro mais específico sobre a programação da TV Piratini. O ex-diretor Walmor Bergesch (já falecido) relatou a história da emissora, desde a construção do prédio, os equipamentos utilizados, treinamento de pessoal, a inauguração e os primeiros programas produzidos em Porto Alegre. Aliás, as primeiras produções fora do centro do País (SP, RJ, MG). Mas, também foi baseado nas memórias e experiências do autor na TV, sem referencial teórico.

Outra dificuldade se refere ao acervo de jornais da época da inauguração da TV Piratini. O museu de Comunicação José Hipólito da Costa enfrenta problemas de restauração das publicações do período pesquisado - dezembro de 1959 a dezembro de 1960. Em 2015, a equipe que fazia o serviço de restauração foi dispensada pelo governo do Estado por falta de verbas.

Não foi possível ter acesso aos documentos e fazer uma análise documental da fase inaugural da emissora, no mês de dezembro de 1959 e do primeiro mês de transmissão, em janeiro de 1960. Também estão faltando alguns dias nos arquivos mensais do jornal Diário de Notícias, mais precisamente de fevereiro a maio de 1960. Em 2015, o museu também reduziu o número de funcionários que fazem o atendimento ao público. Consequentemente diminuiu os dias e horários de visita ao acervo.

Para a concepção do produto final, ao pesquisar outros blogs e sites relacionados à TV Piratini, notei que a maioria é de ex-funcionários que procuram manter um acervo pessoal na internet. São poucas fotos e alguns vídeos de períodos variados de transmissão, desde a inauguração da emissora até os anos 70. Mas a maioria não é atualizada, funcionando apenas como registro. O produto final dessa dissertação pretende ser um site que faça mais do que apenas registrar de forma estática a história da primeira televisão do Rio Grande do Sul. Através de uma plataforma de acesso público (Wordpress), o objetivo é ampliar as informações incluindo depoimentos gravados de ex-diretores e fotos de jornais da época. Além de avançar na pesquisa sobre a memória deste momento histórico da Comunicação no Rio Grande do Sul, também se cria um canal de divulgação. Além disso, a parte em forma de blog receberá atualizações diárias (posts) e possibilitará a interatividade, com o recebimento de comentários dos usuários. De forma democrática, todos os interessados no tema terão acesso. E assim divulgar o resultado dos depoimentos junto à comunidade acadêmica, profissional e a sociedade em geral, através de um suporte mais atrativo e dinâmico.

Na finalização deste trabalho, percebe-se oportunidade de continuidade tanto no produto final quanto em novas frentes de pesquisa. Durante a análise documental, chamou atenção a localização da grade de programação no jornal diário. As primeiras grades com as atrações não ficavam nas páginas de cultura, como rádio e cinema. Eram publicadas separadas, em páginas aleatórias, sem um critério de classificação. O que pode ser investigado em novas pesquisas. A TV não teria ainda uma identidade, um tipo de classificação no meio cultural? Também seria interessante pesquisar como foi planejada a propaganda e os patrocínios desta fase inicial da televisão, as garotas-propaganda, os primeiros comerciais dentro do estúdio, inclusive com o surgimento de agências de publicidade.

Outra sugestão para futuras pesquisas é comparar as programações das TVs no Rio Grande do Sul após a inauguração da TV Gaúcha, canal 12, concorrente da TV Piratini, em dezembro de 1962. A emissora de Maurício Sirotsky começa com o videotape e equipamentos

mais modernos, com programas mais voltados para a comunidade, mais regionais, uma aposta de Maurício Sirostski, que deu certo até os dias atuais. Apesar da globalização, do alcance mundial da internet e da interatividade das redes sociais, as pessoas ainda querem saber mais da sua aldeia, da sua terra.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Aleida. **Espaços de recordação**: formas e transformações da memória cultural. Campinas SP. Ed.Unicamp, 2011.
- BARBOSA, Marinalva. Imaginação televisual e os primórdios da TV no Brasil. In: RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A história da televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo. Ed.Contexto, 2010.
- BERGESCH, Walmor. **Os Televisonários**. .Porto Alegre. Ed.Ardotempo, 2010.
- BORDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro. Ed.Jorge Zahar, 1997.
- CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em rede**: economia, sociedade e cultura na era da informação. São Paulo.Ed.Paz e Terra, 2003.
- CASTRO, José de Almeida. **Tupi, pioneira da televisão Brasileira**. São Paulo. Ed.Fundação Assis Chateaubriand, 2000.
- GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo. Atlas, 2012.
- GOMES, Romeu. Análise e Interpretação de Dados de Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 32. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, p79-106. 2012.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo. Ed.Centauro, 2006.
- IBGE. **Acesso à internet e à televisão e posse de telefone móvel celular para uso pessoal 2015**: IBGE, Coordenação de Trabalho e Rendimento. Rio de Janeiro : IBGE, 2016. Disponível em <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv99054.pdf>. Acesso em 08 de junho de 2017.
- KILPP, Suzana. **Apontamentos para uma história da televisão no RS**. São Leopoldo. Ed.Unisinos, 2000.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis RJ. Ed.Vozes, 2012.
- MUNDSTOCK, Clarissa et al. A história da televisão no Rio Grande do Sul - TV Piratini: os anos heróicos, 1959 a 1962. SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA. 7., 1995. Porto Alegre, 1995 out., Porto Alegre : UFRGS/PROPESQ, 1995, p. 16-20.
- OLIVEIRA, D.C - Análise de conteúdo temático-categorial: uma proposta de sistematização. **Revista da Enfermagem da UERJ**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 569-576, 2008.
- POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, v.5, n.10, p. 200-212. 1992.

REIS, Sérgio L. P. **O Back Stage da Televisão no Rio Grande do Sul**. 299 f. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **A História da Televisão no Brasil**: do início aos dias de hoje. São Paulo. Ed.Contexto, 2010.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo Pereira do Couto; ARNOLDI, Marlene Aparecida Gonzalez Colombo. **A entrevista na pesquisa qualitativa**: mecanismos para validação dos resultados. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

SZYMANSKI, Heloísa. **A Entrevista na Pesquisa em Educação**. Brasília: Liber Livro. 2004.

SANTAELLA, Lúcia. **Cultura das mídias**. 3. ed., rev. e ampl. São Paulo: Experimento, 2003.

APENDICE A – QUESTIONÁRIO

TEMA 1 - QUESTÕES SOBRE O PERFIL DO ENTREVISTADO

Para fins de registro, qual teu nome completo, idade e profissão.

Em qual período que atuou na TV Piratini?

Fale um pouco sobre sua trajetória profissional, principalmente na televisão?

TEMA 2 - QUESTÕES SOBRE A ATUAÇÃO NA TV PIRATINI

Quais foram suas funções na TV Piratini? Qual era a sua rotina de trabalho?

Como analisa esse início? Como compara essa fase mais artesanal da TV com a atual TV digital de hoje, inclusive em termos de conteúdo?

TEMA 3 - QUESTÕES SOBRE A PROGRAMAÇÃO

Como era feita a grade de programação? Quais os critérios de gêneros?

Como eram selecionados os temas dos programas, das entrevistas e debates?

E como eram escolhidos os artistas?

Como era a relação entre a direção nacional e local na escolha da grade de programação? Como você considera estas decisões em termos de autonomia dos produtores locais? Havia algum tipo de tabu ou censura sobre algum assunto?

Quais os temas de maior audiência nesta época ? Quais os programas mais comentados na rua com as pessoas?

Como era medida ou avaliada a audiência?

Por que escolheram temas religiosos nas primeiras super-produções ?

APENDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor(a)

Você está sendo convidado(a) para participar da pesquisa TV PIRATINI: A MEMÓRIA DOS PRIMEIROS PROGRAMAS DE TELEVISÃO NO RIO GRANDE DO SUL. Os pesquisadores responsáveis são Wilson Severo da Rosa / Patrícia Kayser Vargas Mangan (E-mail: wilsonrosajornalista@gmail.com, patricia.mangan@unilasalle.edu.br), respectivamente, mestrando e orientadora do Mestrado Profissional em Memória Social e Bens Culturais. O objetivo deste trabalho é pesquisar a memória da produção dos primeiros programas de televisão produzidos no Rio Grande do Sul na TV Piratini. Deste modo, buscamos preservar a memória e a história viva dos ex-funcionários da TV Piratini que participaram e produziram os primeiros programas de televisão no Rio Grande do Sul. Através de entrevistas, os protagonistas vão relatar suas atividades e contribuições para esse momento histórico da Comunicação regional.

Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar o seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora, nem com a instituição de ensino. Por favor, leia com atenção as informações descritas abaixo:

1 A sua participação na pesquisa iniciará após a leitura, o esclarecimento de possíveis dúvidas e a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido por escrito. A participação na pesquisa envolverá suas respostas a uma entrevista semi-estruturada, com base em um questionário previamente elaborado, e se dará em local privativo, a sua escolha, sendo gravada para posterior análise.

2 O consentimento em participar da pesquisa poderá ser retirado a qualquer momento sem necessidade de comunicação à pesquisadora e sem nenhum tipo de penalidade.

3 A assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido será em duas vias, permanecendo uma delas com você.

4 Você será informado(a) sobre os procedimentos e resultados da sua participação na pesquisa e receberá esclarecimentos sobre as dúvidas que possam surgir dela.

5 A gravação e transcrição das entrevistas ficará sob guarda da pesquisadora responsável e, posteriormente, dos orientadores, garantido a guarda segura por um período de cinco anos. Os dados consolidados da análise serão divulgados no trabalho de conclusão do curso.

6 As informações coletadas na pesquisa não serão vinculadas à sua identidade.

7 Necessitando quaisquer esclarecimentos sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato pessoal com o pesquisador, a qualquer momento, pelo número de telefone (51) 8188.3959

Wilson Severo da Rosa
Pesquisador / Mestrando

Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan
Profa. Orientadora

Consinto em participar deste estudo e declaro ter recebido uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido.

Local e data: _____

Nome do(a) participante:

Assinatura do(a) participante:

APENDICE C – TERMO DE CONCESSÃO E AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

TERMO DE CONCESSÃO E AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM

Termo de Concessão e Autorização de Uso de Imagem
que _____ firmam _____ entre _____ si
_____ e _____ Centro
Universitário La Salle, em ____-____-____.

_____, _____ (nome), _____ (nacionalidade),
_____, _____ (estado civil); _____ (profissão/ocupação),
inscrito no RG sob o nº _____ e no CPF-MF sob o nº _____, residente na
Rua _____, nº _____, Bairro _____, Cidade de
_____, CEP _____, Estado _____, doravante denominado **CONCEDENTE**, e
SOCIEDADE POR VIR CIENTÍFICO - CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE, pessoa jurídica
de direito privado, Instituição de Ensino Superior, filantrópica e beneficente, estabelecida na Av. Victor
Barreto, nº 2.288, na cidade de Canoas, Estado do Rio Grande do Sul, CNPJ nº 92.741.990/0040-43,
neste ato representado por seu Reitor, Prof. Ivan José Migliorini, *fsc*, CPF 171.048.400-44, residente e
domiciliado em Canoas/RS, doravante denominado **UNILASALLE**, de comum acordo, firmam o
presente Instrumento Particular que rege-se pelas cláusulas e condições abaixo discriminadas:

CLÁUSULA PRIMEIRA. Estabelecem livremente as partes que pela assinatura do presente Termo de
Concessão e Autorização de Uso de Imagem, o **CONCEDENTE** autoriza a utilização de seu nome, voz,
dados pessoais e imagem para fins de divulgação das atividades institucionais, educacionais, culturais,
esportivas e sociais realizadas pelo **UNILASALLE**.

Parágrafo Único. As cláusulas e condições ora estabelecidas obrigam os sucessores, herdeiros e terceiros
eventualmente vinculados.

CLÁUSULA SEGUNDA. É de comum acordo entre as partes que a autorização do direito de imagem,
ora objeto do presente Instrumento, se dá a título não oneroso, nada tendo qualquer das partes a exigir
da outra, seja quanto à imagem e direitos conexos, seja a outro título.

Parágrafo Único. A assinatura deste Termo, pelos seus efeitos e natureza jurídica, não cria vínculo
empregatício entre as partes e, por se dar a título gratuito, não gera obrigação de natureza fiscal e/ou
previdenciária.

CLÁUSULA TERCEIRA. O **UNILASALLE**, no que lhe compete, obriga-se a zelar pelo nome, voz,
dados pessoais e imagem do **CONCEDENTE**, na melhor forma de direito.

CLÁUSULA QUARTA. O **CONCEDENTE** declara estar ciente e de acordo que o seu nome, voz,
dados pessoais e imagens poderão ser utilizados pelo **UNILASALLE**, como forma de promoção e
divulgação das atividades institucionais, educacionais, culturais, esportivos e sociais realizadas pelo
UNILASALLE, através de fotografias, vídeos, encartes jornalísticos, revistas, radiodifusão, televisão,
outdoors, bus-door, back-light, *site* na internet, folhetos em geral (encartes, mala direta, catálogo, entre
outros) e qualquer outra mídia física ou digital/eletrônica permitida pela legislação vigente.

Parágrafo Primeiro. Outrossim, o CONCEDENTE declara estar ciente e de acordo que a autorização do direito de imagem também se estende a qualquer publicação ou menção que vier a ser realizada na mídia em geral em relação ao UNILASALLE.

Parágrafo Segundo. Fica também assegurada ao UNILASALLE a reprodução total ou parcial de imagens, fotografias e vídeos do CONCEDENTE, desde que utilizada para uso específico compatível com o objeto do presente contrato.

CLÁUSULA QUINTA. Para eventual veiculação por parte de outras empresas ou entidades para fins comerciais, quanto ao direito de imagem do CONCEDENTE, tal relação não afeta os direitos do UNILASALLE.

CLÁUSULA SEXTA. O presente instrumento particular tem sua vigência da data da assinatura pelo prazo de 2 (dois) anos, facultando-se sua renovação por novo termo escrito.

CLÁUSULA SÉTIMA. Elegem as partes o Foro da Comarca de Canoas, com exclusão de qualquer outro, por mais privilegiado que seja, para dirimir eventuais dúvidas que possam surgir na execução deste contrato.

E por estarem as partes justos e contratados, assinam o presente instrumento particular na presença de testemunhas instrumentárias, em 02(duas) vias de igual teor e forma.

Canoas, _____ de _____ de 20____.

Prof. Ir. Paulo Fossati, *fsc*
Reitor
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE

CONCEDENTE

TESTEMUNHAS

Nome _____
CPF _____._____._____-____

Nome _____
CPF _____._____._____-____